

Personagens

REI HENRIQUE VI.
EDUARDO, Príncipe de Gales, seu filho.

LUÍS IX, Rei da França
DUQUE DE SOMERSET
DUQUE DE EXETER
CONDE DE OXFORD
CONDE DE NORTHUMBERLAND
CONDE DE WESTMORELAND
LORDE CLIFFORD

} partidários do
Rei Henrique.

RICARDO PLANTAGENETA, Duque de York.

EDUARDO, Conde de March
depois Rei Eduardo IV
EDMUNDO, Conde de Rutland
JORGE, depois Duque de Clarence
RICARDO, depois Duque de Gloster

} seus filhos.

DUQUE DE NORFOLK
MARQUÊS DE MONTAGUE
CONDE DE WARWICK
CONDE DE PEMBROKE
LORDE HASTINGS
LORDE STAFFORD

} partidários do Duque
de York.

SIR JOHN MORTIMER
SIR HUGO MORTIMER

} tios do Duque de York

HENRIQUE, Conde de Richmond, um jovem.
LORDE RIVERS, irmão de Lady Grey.
SIR WILLIAM STANLEY.
SIR JOHN MONTGOMERY.
SIR JOHN SMERVILLE.
O tutor de Rutland.
O prefeito de York.
O tenente da Torre.
Um nobre.
Dois guardas.
Um caçador.
Um filho que matou o pai.
Um pai que matou o filho.
RAINHA MARGARIDA.
LADY GREY, depois esposa de Eduardo IV.
BONA, irmã da Rainha da França.
Soldados e outras pessoas do séquito do Rei
Henrique e do Rei Eduardo, mensageiros, vigias, etc.

Cena

Parte do ato terceiro, na França; as demais cenas, na
Inglaterra.

Ato I · Cena I

Londres, Casa do parlamento.

Tambores. Irrumpem alguns soldados do partido de York. Depois entram o Duque de York, Eduardo, Ricardo, Norfolk, Montague, Warwick e outros, com rosas brancas no chapéu.

WARWICK · Admira-me que o rei haja escapado.

YORK · Enquanto nós seguíamos os homens de cavalo do norte, ele achou modo de se esgueirar da luta, abandonando no campo os seus soldados. Entrementes, o grande Lorde de Northumberland, cujo ouvido guerreiro nunca o toque de recuar suportou, soube dar ânimo ao exército exausto; ele, com Lordes de Stafford e de Clifford, a um só tempo, se lançaram de encontro a nossa frente principal e a abalaram; mas por simples soldados foram mortos a espadadas.

EDUARDO · O genitor de Lorde Stafford, Duque de Buckingham, achava-se ferido de morte, ou morto já, provavelmente. A viseira lhe abri com mão certa. Digo a verdade, pai; vede-lhe o sangue.

(Mostra a espada ensangüentada)

MONTAGUE ·

E aqui, este sangue, mano, em minha espada,

(Mostrando a espada a York.)

é do Conde de Wiltshire, que ferido foi por mim no entrechoque dos exércitos.

RICARDO *(atirando ao solo a cabeça de Somerset.)*

Fala por mim e dize quanto eu fiz.

YORK · De todos os meus filhos foi Ricardo quem mais hoje brilhou. Mas Vossa Graça, Lorde de Somerset, morreu de fato?

NORFOLK · Pereça desse modo toda a casa de João de Gaunt.

RICARDO · Do mesmo modo espero proceder com a cabeça do monarca.

WARWICK · É o que eu digo, também. Vitorioso Príncipe de York, enquanto eu não te vir no trono ora ocupado pela casa de Lencastre, por tudo quanto é santo, não fecharei os olhos. Encontramo-nos

no palácio do tímido monarca.

Eis seu real assento; toma posse dele, York; és o seu dono verdadeiro, não os filhos de Henrique.

YORK · Então me ajuda, suave Warwick, a obtê-lo, já que viemos até aqui tão-só à custa de violência.

NORFOLK · Ajudar-te-emos; morra o que fugir.

YORK · Muito obrigado, meu querido Norfolk. Londres, ficai comigo; vós, soldados, ficareis alojados esta noite junto de mim.

WARWICK · Não empregueis violência, quando o rei vier, a menos que ele tente vos expulsar, valendo-se da força.

(Os soldados se retiram.)

YORK · A rainha pretende reunir hoje seu parlamento, mas não tem suspeita de que fazemos parte do conselho.

Ou com discursos, ou por meios drásticos, vamos fazer valer nossos direitos.

RICARDO · Já que estamos armados, não saiamos.

WARWICK ·

Parlamento sangrento, é como a história vai chamar a este, caso o Duque de York, Plantageneta, não ocupe o trono do fraco Henrique, cuja covardia nos faz alvo de chufas inimigas.

YORK · Ficai, então, comigo e destemidos vos mostrai, que eu pretendo entrar na posse dos meus direitos.

WARWICK · Nem o rei, nem mesmo quem mais amor lhe vote, o mais altivo dos adeptos da casa de Lencastre, ousará mover a asa, caso os guisos venha Warwick a agitar. Hoje eu pretendo plantar Plantageneta e, com as raízes, arrancar quem ousar fazer-me frente.

Resolve-te, Ricardo; exige o trono.

(Warwick conduz York até o trono, onde este se assenta.)

(Toque de clarins. Entram o Rei Henrique, Clifford, Northumberland, Westmoreland, Exeter, e outros, com rosas vermelhas no chapéu.)

REI HENRIQUE · Vede, milordes, onde está sentado esse ousado rebelde: na cadeira do reino! Secundado pela força de Warwick, o falso par, ele ora intenta, parece apoderar-se da coroa para reinar qual rei. Northumberland, ele matou teu pai; e o teu também, Lorde Clifford; jurastes de vingar-vos nele, nos filhos, e nos seus amigos e partidários.

NORTHUMBERLAND · Caso o não confirme, tome o céu contra mim crua vingança.

CLIFFORD · Clifford nessa esperança passa o luto vestido de aço.

WESTMORELAND · Como! É então possível tamanho ultraje? Vamos sem demora derrubá-lo do trono. Sinto em cólera abrasar-se-me o peito. Não mais posso continuar a ver isso.

REI HENRIQUE · Gentil Conde de Westmoreland, paciência.

CLIFFORD · Paciência é para os pusilânimes como ele!

Se vosso pai, milorde, ainda vivesse, não teria ele o ousio de sentar-se onde ora está. Gracioso soberano, permiti que mesmo aqui no parlamento, contra a família de York nos lancemos.

NORTHUMBERLAND ·

Primo, falaste bem; seja assim mesmo.

REI HENRIQUE ·

Ignorais que a cidade os favorece e que eles têm soldados de reforço?

EXETER · Mas, morto o duque, todos se dispersam.

REI HENRIQUE ·

No coração de Henrique jamais entre a idéia de fazer do parlamento inglês um matadouro. Só, primo Exeter, palavras, ameaças e carrancas é que hão de constituir os belicosos recursos de que Henrique vai servir-se.

(Avança para o duque.)

Faccioso Duque de York, sai do trono!

Ajoelha-te a meus pés e pede graça, que eu sou teu rei.

YORK · Eu é que o sou de ti.

EXETER · Envergonha-te disso! Desce logo!

Foste criado por ele Duque de York.

YORK · O ducado e o condado herdei-os ambos.

EXETER · Teu pai foi um traidor do soberano.

WARWICK · Exeter, és traidor, caso acompanhes o usurpador Henrique.

CLIFFORD · Quem deve ele acompanhar, senão o seu rei legítimo?

WARWICK ·

Certo, Clifford: Ricardo, Duque de York.

REI HENRIQUE ·

Ficarei eu de pé e tu em meu trono?

YORK · Claro que sim; contenta-te com isso.

WARWICK ·

Sê o Duque de Lencastre; ele é o monarca.

WESTMORELAND ·

Ele é monarca e Duque de Lencastre; Lorde de Westmoreland isso confirma.

WARWICK · E Warwick o desaprova. Já esquecestes que nós somos os que vos expulsamos do campo de batalha, a morte demos a vossos pais e, com bandeiras soltas, atravessamos a cidade, rumo às portas do palácio?

NORTHUMBERLAND · Warwick, é certo; para minha tristeza, ainda me lembra. Pela alma de meu pai, tu e tua casa ainda me pagareis.

WESTMORELAND · Plantageneta, de ti, desses teus filhos, dos parentes, de teus amigos, ceifarei mais vidas do que gotas de sangue se encontravam nas veias de meu pai.

CLIFFORD · Sobre isso, basta; se não, Warwick, em vez de usar palavras, te envio um mensageiro que o trespasso me vingue de meu pai, sem que eu me mexa.

WARWICK · Pobre Clifford, como eu desprezo as suas fúteis ameaças!

YORK · Desejais que eu mostre meus títulos ao trono? Do contrário, nos campos o farão nossas espadas.

REI HENRIQUE · Qual é, traidor, teu título à coroa? Foi teu pai Duque de York, o que és agora; Mortimer, teu avô, Conde de March.

De Henrique quinto, no entanto, eu venho, que o delfim e os franceses fez curvar-se e conquistou cidades e províncias.

WARWICK ·

Muda de assunto, pois perdeste a França.

REI HENRIQUE ·

Eu, não; foi Lorde Protetor; eu tinha só nove meses, quando fui coroado.

RICARDO · Agora sois idoso, mas parece que continuais perdendo. Pai, depressa, tiremos a coroa da cabeça do usurpador.

EDUARDO · Fazei-o, pai querido; coloquei-a na vossa.

MONTAGUE (*a York*) · Caro mano, se amas e honras as armas, combatamos e ponhamos um termo a estas parlandas.

RICARDO · Fazei soar tambores e trombetas, para que fuja o rei.

YORK · Quietos, meus filhos!

REI HENRIQUE · Fica tu quieto e deixa o rei falar.

WARWICK · Primeiro falará Plantageneta.

Lordes, ouvi-o. E vós aí, silêncio! pois quem o interromper será homem morto.

REI HENRIQUE ·

Pensas que vou, assim, deixar o trono onde meu pai e meu avô reinaram?

Não! Antes disso, a guerra há de o meu reino todo arrasar. Sim, as bandeiras deles, tantas vezes levadas até à França, e ora, com grande mágoa do meu peito, imotas na Inglaterra, vão servir-me de mortalha. Por que temeis, senhores?

Melhores do que os dele são meus títulos.

WARWICK · Se o provares, Henrique, serás rei.

REI HENRIQUE ·

Por conquista, foi rei Henrique quarto.

YORK · Contra o seu rei, portanto, se insurgindo.

REI HENRIQUE (*à parte*) ·

Que responder? Percebo que meu título é precário. (*Alto.*) Dizei-me: um rei não pode nomear seu próprio herdeiro?

YORK · Bem; e o resto?

REI HENRIQUE ·

Caso possa, eu sou rei, porque Ricardo, presentes muitos nobres, a coroa resignou a favor de Henrique quarto.

Dele meu pai a herdou; de meu pai, eu.

YORK · Ele se revoltou contra o monarca, levando-o a resignar o trono à força.

WARWICK · Suponde, agora, que ele não tivesse sido coagido: julgais mesmo que ele poderia lesar em algo o trono?

EXETER · Não podia abdicar a real coroa, a não ser para o herdeiro mais chegado.

REI HENRIQUE ·

Contra nós também te achas, Duque de Exeter?

EXETER · Não vos zangueis, mas o direito é dele.

YORK · Por que tantos cochichos, meus senhores?

EXETER · Diz-me a consciência que ele é o rei legítimo.

REI HENRIQUE (*à parte*) ·

Todos me deixam; voltam-se para ele.

NORTHUMBERLAND ·

Plantageneta, embora arrogues títulos, não presumas que Henrique perca o trono.

WARWICK · A despeito de tudo, vai perdê-lo.

NORTHUMBERLAND ·

É engano teu; a força com que contas no sul: Essex, Norfolk, Suffolk e Kent, de que tanto te orgulhas, não tem meios para elevar o duque a meu mau grado.

CLIFFORD ·

Rei Henrique, ainda mesmo que os teus títulos legítimos não sejam, compromete-se a defender-te a causa Lorde Clifford. Abra-se a terra e me devore vivo, onde eu vier a ajoelhar-me ante o assassino de meu pai.

REI HENRIQUE ·

Como o peito me reanimas, Clifford!

YORK · Henrique de Lencastre, abdica logo a coroa. E vós aí, milordes, que conspirais? Que estais falando baixo?

WARWICK · Se não reconhecerdes o direito do nobre Duque de York, com meus homens invadirei a casa e, no alto trono que ele ora ocupa, escreverei seus títulos com o sangue de um traidor.

(*Bate com o pé; aparecem soldados.*)

REI HENRIQUE · Uma palavra somente, Milorde Warwick: permiti que eu seja rei, enquanto estiver vivo.

YORK · Assegura-me, a mim e aos meus herdeiros, a coroa, e há de ser o soberano enquanto fores vivo.

REI HENRIQUE · Isso me basta.

Plantageneta, após o meu trespasso,
tu gozarás do reino.

CLIFFORD · Que injustiça
para o príncipe herdeiro, vosso filho!

WARWICK ·
Que bem para ele próprio e para o reino!

WESTMORELAND ·
Baixo e medroso Henrique, sem confiança!

CLIFFORD · Que prejuízo nos causas e a ti próprio!

WESTMORELAND · Depois disso, preciso retirar-me.

NORTHUMBERLAND ·

Eu também.

CLIFFORD · Vamos, primo, dar a nova
à rainha.

WESTMORELAND · Adeus, rei degenerado,
sem brio algum; guarida não encontra
nesse sangue gelado a chispa da honra.

NORTHUMBERLAND · Possas vir a cair presa da casa
de York e a morrer acorrentado, em vista
deste ato pusilânime.

CLIFFORD · Em terrível
guerra sejas vencido; em tempos calmos
possas viver odiado e desprezado.

(Saem Northumberland, Clifford e Westmoreland.)

WARWICK · Vira-te Henrique, para cá; não olhes
mais para o lado deles.

EXETER · Só procuram
vingança, nada mais; não cederão.

REI HENRIQUE ·

Ah, Exeter!

WARWICK · Que coisa vos compunge,
milorde?

REI HENRIQUE · Não lastimo, Milorde Warwick,
minha sorte, senão a de meu filho,
que eu deserdo por modo desumano.

Seja o que for: agora e para sempre,
te lego, e aos teus herdeiros, a coroa,
com a condição de pões um remate

a esta guerra civil e de jurares
que me honrarás, enquanto estiver vivo,
como a rei e senhor, não procurando,

por astúcia ou violência, derrubar-me
do trono para, alfim, a ele subires.

YORK · De grado o juro e voluntário o cumpro.

(Desce do trono.)

WARWICK · Viva Henrique! Plantageneta, abraça-o.

REI HENRIQUE · Vive tu com teus filhos
promissores!

YORK · York e Lencastre, agora, estão amigos.

EXETER · Maldito seja quem quiser cindi-los.

(Toque de clarins. Os nobres avançam.)

YORK · Adeus, meu gracioso príncipe; recolho-me
ao meu castelo.

WARWICK · Parto, com meus homens,
a ocupar Londres.

NORFOLK · Eu, com minha tropa,
sigo para Norfolk.

MONTAGUE · Eu, para o mar,
o ponto de onde vim.

*(Saem York e os filhos. Warwick, Norfolk, Montague,
soldados e séquito.)*

REI HENRIQUE · Eu, para a corte,
com meu fardo de dores e de agruras.

(Entram a Rainha Margarida e Príncipe de Gales.)

EXETER · Aí vem vindo a rainha; traz a cólera
no olhar. Vou ver se escapo.

REI HENRIQUE · Eu faço o mesmo,
Exeter.

RAINHA MARGARIDA ·

Não me fujas, que eu te sigo!

REI HENRIQUE ·

Se prometeres que hás de ter paciência,
querida esposa, eu fico.

RAINHA MARGARIDA · Quem pudera
dar mostras de paciência em tal extremo?
Desgraçado! Por que não morri virgem?

Não te teria visto, não teria
sido mãe de teu filho, nem ficara
sabendo que és um pai falto de entranhas.

Por que ele mereceu ser deserddado
dessa maneira? Se metade, ao menos,
tu sentisses, do amor que lhe dedico,

ou tivesses passado pelas dores
por que passei, ou com teu sangue a vida
lhe houvesse dado, como fiz, por certo

verteras, aqui mesmo, o mais prezado
sangue do coração e não fizeras
teu herdeiro esse duque sem princípios,

deixando sem herança teu filho único.

PRÍNCIPE ·

Não podereis deserddar-me, pai. Que impede
que eu vos suceda, se sois rei, de fato?

REI HENRIQUE ·

Margarida, perdão; perdão, meu filho;
o Conde Warwick e o duque me forçaram.

RAINHA MARGARIDA ·

Forçaram-te? És rei e te forçaram?

Envergonha-me ouvir-te. Oh desgraçado, sem coragem! Causaste a nossa ruína, a tua, a minha, a de teu filho, e à casa de York deste tal força, que só podes doravante reinar se o consentirem.

Legar-lhe, e aos seus herdeiros, a coroa, que foi, senão abrir o teu sepulcro para nele baixares antes da hora?

Warwick é chanceler e se acha à frente de Calais; o severo Faulconbridge

domina o estreito; o duque foi nomeado protetor, e, ainda assim, te julgas firme?

Sim, estás muito firme, como o trêmulo cordeirinho entre lobos. Se eu me achasse presente, embora eu seja mulher fraca, deixar-me-ia ferir pelos soldados, antes de consentir nesse contrato.

Mas preferiste a vida com a desonra.

Por isso, Henrique, a decisão eu tomo de abandonar teu leito e a tua mesa,

até ver anulado esse ato absurdo

do parlamento, que privou meu filho

de suas esperanças. Os senhores

do norte, que abjuraram tuas cores,

seguirão meus pendões logo que os virem desfraldados, e breve será isso,

para tua vergonha e inteira ruína

da casa de York. E assim, te deixo. Vamos, meu filho; nosso exército está a postos;

vamos ao seu encontro.

REI HENRIQUE · Margarida

gentil, espera um pouco; ouve-me, ao menos.

RAINHA MARGARIDA ·

Já falaste demais; some daqui.

REI HENRIQUE ·

Ficarás com teu pai, meu caro Eduardo?

RAINHA MARGARIDA ·

Para ser morto pelos inimigos?

PRÍNCIPE · Quando eu voltar do campo de batalha, vitorioso, virei ver Vossa Graça.

Até lá, meu lugar é junto dela.

RAINHA MARGARIDA ·

Vamos, meu filho; o tempo está correndo.

(Saem a Rainha Margarida e o Príncipe de Gales.)

REI HENRIQUE ·

Pobre rainha! O amor que a mim e ao filho

sempre ela dedicou, fê-la valer-se

de expressões menos brandas. É preciso

que nos vingemos desse duque odioso,

cujo espírito altivo, alado agora

pela cobiça, o trono me corveja,

procurando, como águia esfomeada,

as carnes me comer e de meu filho.

A perda dos três lordes me compunge

demais o coração. Vou escrever-lhes,

em termos amigáveis. Vamos, primo;

sereis o mensageiro.

EXETER · De bom grado,

esperando alcançar que todos voltem.

(Saem.)

Ato I · Cena II

Um quarto no castelo de Sandal, perto de Wakefield, em Yorkshire.

Entram Eduardo, Ricardo e Montague.

RICARDO · Deixa, mano, que eu fale, embora eu seja de todos o mais moço.

EDUARDO · Não; eu posso fazer esse papel com mais apurmo.

MONTAGUE · Darei fortes razões e convincentes.

(Entra York.)

YORK · Que é isso, mano? Filhos, discutindo?

Qual o motivo? Como principiastes?

EDUARDO · Não é briga; pequena divergência.

YORK · A respeito de quê?

RICARDO · De algo que tanto

vos diz respeito como a nós: o trono

da Inglaterra, meu pai, que vos pertence.

YORK · A mim, rapaz? Mas só depois da morte do Rei Henrique.

RICARDO · A morte ou a vida dele,

sobre vossos direitos nada influem.

EDUARDO · Sois herdeiro; gozai, pois, dessa herança.

Se deixardes que a casa de Lencastre respire muito tempo, ela termina passando-vos na frente.

YORK · Fiz a jura de não me intrometer no seu reinado.

EDUARDO · Por um reino se quebra um juramento. Perjuraria dez mil vezes, para reinar um ano apenas.

RICARDO · Deus não queira que Sua Graça se torne, assim, perjuro.

YORK · É o que eu serei, se reclamar o trono.

RICARDO · Provarei o contrário, se me ouvirdes.

YORK · Não nos farás; não pode ser, meu filho.

RICARDO · Carece de valor o juramento que não for feito diante de um legítimo magistrado que tenha autoridade sobre quem o defere. Ora, é evidente que a de Henrique, no caso, era usurpada.

Se ele, pois, vos tomou o compromisso, vossa jura, milorde, é irrita e nula.

Por isso, às armas, pai! Pensai apenas na delícia que é ter uma coroa

cujos âmbito compreende todo o Elísio, quanto os poetas sonharam de alegrias e bem-aventuranças. Que fazemos nesta inação? Não posso achar sossego, enquanto não tingir a rosa branca no sangue morno do covarde Henrique.

YORK · Já decidi, Ricardo; não prossigas:

ou morro, ou serei rei. Mano, vai logo para Londres, a fim de estimulares Warwick para a empresa. Tu, Ricardo, busca o Duque de Norfolk e, em segredo, dá-lhe conta de todo o nosso plano.

Vós, Eduardo, deveis falar com Lorde Cobham, com quem os homens do condado de Kent de boa sombra se levantam.

Confio neles, porque são soldados liberais, corajosos e corteses.

E enquanto vós cuidais de todos esses pontos, eu vou pensar nalgum pretexto para a revolta, sem, com isso, darmos

suspeitas ao monarca ou aos demais membros da casa de Lencastre.

(Entra um mensageiro.)

Um instante, ainda.

Que novidades há? Por que essa pressa?

MENSAGEIRO · A rainha, com os condes e senhores do norte, vem cercar-vos o castelo.

Já está perto, com vinte mil soldados.

Cuidai de defender a fortaleza.

YORK · Pois não, com minha espada. Acaso pensas que eu tenho medo? Ficareis comigo, Ricardo e Eduardo. Para Londres, siga logo o mano Montague. O Conde de Warwick, Cobham e os outros que deixamos como protetores do rei, que tratem logo de se fazerem fortes com política poderosa, não dando ouvido às juras do fraco Henrique.

MONTAGUE · Bem, mano; vou já; nada receeis; hei de conquistá-los.

E assim, humildemente me despeço.

(Sai.)

(Entram Sir John e Sir Hugo Mortimer.)

YORK · Caros tios Sir John e Hugo Mortimer, chegais a Sandal no momento azado; a rainha vem pôr cerco ao castelo.

SIR JOHN · Não no fará; saíamos a encontrá-la.

YORK · Só com cinco mil homens?

RICARDO · Com quinhentos, até, meu pai, se for preciso. Quando comanda uma mulher, de que ter medo?

(Marcha, ao longe.)

EDUARDO · Ouço tambores; arranjem logo nossos homens e vamos ao encontro do inimigo.

YORK · Cinco homens contra vinte!

A diferença é grande. Apesar disso, tio, não ponho em dúvida a vitória.

Muitas batalhas eu ganhei na França lutando um contra dez. Por que motivo não terei neste embate a mesma sorte?

(Alarma; saem.)

Ato I • Cena III

*Campo de batalha entre o castelo de Sandal e Wakefield.
Alarma. Movimento de tropas. Entram Rutland e seu
preceptor.*

RUTLAND • Ah! Como escapar deles? Mestre, vede,
Clifford vem vindo ali, o sanguinário!

(Entra Clifford com soldados.)

CLIFFORD • Para trás, capelão! Salva-te esse hábito.
Quanto ao fedelho do maldito duque,
cujo pai matou o meu, vou trucidá-lo.

PRECEPTOR • Pois companhia lhe farei, milorde.

CLIFFORD • Soldados, carregai-o daqui, logo.

PRECEPTOR • Poupa, Clifford, a vida a este inocente,
para objeto não seres da repulsa
dos homens e de Deus.

(É levado à força pelos soldados.)

CLIFFORD • Como! Está morto?

Fecha os olhos de medo? Vou abri-los.

RUTLAND • Desta arte faz o leão enclausurado
com a pobre presa que de medo treme
sob suas patas fortes; de igual modo
passeia ele a insultar a sua vítima,
e assim, também, avança para os membros
lhe quebrar. Dá-me a morte, meu bom Clifford,
com tua espada, não com esses olhos
cruéis e ameaçadores. Mas permite,
meu bom Clifford, primeiro, que eu te fale.

Para tua fúria eu sou presa mesquinha;
vinga-te em homens; poupa-me a existência.

CLIFFORD • Pobre menino; é inútil quanto falas;
o sangue de meu pai trancou o caminho
para tuas palavras.

RUTLAND • Então deixa
que o franqueie de novo o de meu pai.
Vai procurá-lo; é homem; desafia-o.

CLIFFORD • Se cá estivessem teus irmãos, a vida
deles todos, e a tua, me seriam
poucas para a vingança. Não; embora

eu escavasse o túmulo de todos
os teus antepassados, e em cadeias
pendurasse os caixões quase desfeitos,
não achara sossego, nem pudera
ministrar lenimento à minha cólera.
À só vista de alguém da casa de York
fica minha alma em fúria tormentosa.
Enquanto eu não destruir essa maldita
geração, sem deixar um só com vida,
continuarei no inferno. Logo...

(Levantando o braço.)

RUTLAND • Oh! Pára,
bom Clifford, eu te peço! Dá-me tempo,
primeiro, de rezar; mostra piedade.

CLIFFORD • A piedade da ponta desta espada.

RUTLAND • Se eu nunca te fiz mal, por que me
matas?

CLIFFORD •
Por quanto fez teu pai.

RUTLAND • Mas eu não tinha
nascido ainda. Sei que tens um filho;
por amor dele, tem de mim piedade,
de temor — porque Deus é justiceiro —
que ele venha a morrer como eu agora,
tão miseravelmente. Toda a vida
passarei na prisão, se o consentires,
e, quando eu te der causa, dá-me a morte.
Mas agora não tens razão para isso.

CLIFFORD •
Razões? Teu pai matou o meu; morre, portanto.

(Apunhala-o.)

RUTLAND • *Dii faciant laudis summa sit ista tuae!*
(Morre.)

CLIFFORD • Plantageneta! Aqui, Plantageneta!
O sangue de teu filho, que se encontra
grudado nesta espada, há de deixá-la
com ferrugem até que se derrame
sobre ele o teu e a folha eu deixe limpa. . .

(Sai.)

Ato I · Cena IV

Outra parte da planície.

Alarma. Entra York.

YORK · A rainha domina todo o campo, meus tios foram mortos ao quererem me socorrer, e todos os meus homens, ante o ímpeto do imigo, viram costas e fogem, como o fazem caravelas com o vento forte, ou ovelhas perseguidas por famélicos lobos. Só Deus sabe da sorte de meus filhos. De uma coisa, porém, tenho certeza: que a conduta de todos foi a de homens que nasceram para viver e perecer com glória. Por três vezes Ricardo abriu caminho até onde eu me encontrava, e por três vezes gritou: “Coragem, pai! De novo à luta!” Outras tantas, Eduardo me secunda, rubra a espada até os copos, pelo sangue dos que lhe tinham resistido. E quando recuavam na refrega os mais valentes, Ricardo lhes gritava: “Não cedamos terreno! À carga!” Ou então, vociferando: “A coroa, ou um túmulo glorioso! Um cetro, um cetro, ou humilde sepultura!” Nesse ponto, de novo carregamos; mas, ai! para nos vermos obrigados a recuar novamente, como um cisne, que uma vez contemplei, fazendo esforços inúteis, a nadar contra a corrente, em luta contra as ondas poderosas.

(Curto alarma.)

Mas que é isso? O implacável inimigo me vem no encalço. Estou debilitado; escapar de sua cólera é impossível; ainda mesmo com forças, fora inútil tentar fugir. A areia da ampulheta da minha vida está toda contada. Ficarei aqui mesmo; aqui me extingo.

(Entram a Rainha Margarida, Clifford, Northumberland, o moço Henrique e soldados.)

Northumberland violento, sanguinário

Clifford, aqui me tendes. Estou forte, ainda, para irritar vossa insaciável ferocidade. Vinde! Sou vosso alvo; aqui fico, aguardando vossos tiros.

NORTHUMBERLAND ·

Recorre a nossa graça, York arrogante.

CLIFFORD · À graça igual à do seu braço, quando cruelmente justou contas com meu pai.

Ora Faetonte foi precipitado do seu carro, deixando tudo escuro, quando devera estar o sol a pino.

YORK · Como a fênix, as minhas cinzas podem dar nascimento a outra ave que, enfim, tome vingança de vós todos. Lanço os olhos para o céu, desprezando quantos males possais ora infligir-me. Mas, que vejo! Tanta gente com medo? Que esperais?

CLIFFORD · É desse modo que os covardes lutam, quando fugir não podem. De igual jeito mordem as garras do falcão as pombas, e os ladrões, quando acuados, não contando mais com a vida, os soldados invectivam.

YORK · Oh Clifford, pensa um pouco no passado, repassa na memória a minha vida.

Se me fitares sem enrubesceres, morde a língua que o apodo de covarde lança ao rosto de quem com um simples gesto das sobranceiras já te pôs em fuga.

CLIFFORD · Não trocarei palavras, senão golpes; dois mais dois, contra um só da tua espada.

(Saca da espada.)

RAINHA MARGARIDA ·

Pára, Clifford valente! Por mil causas desejo prolongar a vida desse traidor infame. A raiva o deixa surdo... Fala, Northumberland.

NORTHUMBERLAND · Clifford, detém-te!

Não lhe concedas a honra de picar-te ainda que fosse um dedo, embora para ferir-lhe o coração. Quem demonstrara coragem, quando um cão rosnasse iroso, uma das mãos enfiando-lhe entre os dentes,

quando pudesse a pontapé tocá-lo?
Precisamos saber tirar partido
de tudo; é lei da guerra. Muitas vezes
a proporção de dez para um em nada
diminui o valor dos vencedores.

(Seguram York, que resiste.)

CLIFFORD · Oh, oh! É assim que faz a galinhola,
quando laçada.

NORTHUMBERLAND · E o coelho, emaranhado
na rede em que caíra.

YORK · Assim triunfam
ladrões com a presa obtida; assim sucumbem
os heróis, dominados por bandidos.

NORTHUMBERLAND ·
Que determina agora Vossa Graça?

RAINHA MARGARIDA ·
Clifford, Northumberland, bravos guerreiros,
vamos pô-lo aqui em cima desta terra
que as toupeiras, cavando, amontoaram.
Tempo houve em que ele os braços alongava
para alcançar montanhas, conseguindo
tão-somente cortar com a mão a sombra.

Então, queríeis ser o soberano
da Inglaterra? Sois vós o que fizestes
tanta folia em nosso parlamento,
proclamando vossa alta descendência?
E vossos filhos todos, onde se acham,
que vos não vêm salvar? O belo Eduardo,
o vigoroso Jorge? Onde se encontra
vosso Dick, o valente, esse prodígio,
corcunda, que incitava o seu paizinho,
com voz roufenha, a cometer mais crimes?

Que foi feito do vosso favorito
Rutland? Vede, York, eu vou dizer-vos: este
lenço, eu própria o tingi no sangue vivo
que o destemido Clifford com a espada
tirou do infantil peito. Se molhastes
os olhos, lastimando-lhe o trespasses,
eu te darei o lenço para o rosto
enxugares com ele. Ah, meu pobre York!
Se ódio mortal por ti eu não tivesse,
poderia sentir alguma pena
de tua situação. Por obséquio, York,
mostra-te triste, para que eu me alegre.
Como! Teu coração sempre fervente,
de tal modo as entranhas deixou secas
que uma lágrima, ao menos, não te sobra
para a morte chorares de teu Rutland?

Homem, por que estás calmo? Deverias
desvairar, pois te lanço estes insultos
para deixar-te louco. Sapateia,
range os dentes de raiva, desespera-te,
para que eu dance e cante. Só parece
que exiges pagamento; do contrário
não me divertirás. Sem ter a fronte
coroadada, York é incapaz de dizer algo.
Uma coroa, meus senhores! Vinde
prostrar-vos diante de York. Enquanto eu ponho
isto na frente dele, segurai-lhe
bem as mãos.

(Põe uma coroa de papel em York.)

Oh! Parece mesmo um rei!

Foi este homem que teve a petulância
de se sentar no trono da Inglaterra,
de se fazer herdeiro presuntivo
do Rei Henrique. Então, por que motivo
se fez coroar Plantageneta, o grande,
quebrando seu solene juramento?
Sempre pensei que a rei não chegarias,
enquanto o nosso Henrique não houvesse
cerrado a mão da Morte; ao invés disso,
cinges a fronte com o fulgor de Henrique
e em vida dele o privas do diadema,
contra o teu juramento sacrossanto?
Oh! que falta imperdoável! Vamos logo:
tiremos-lhe a coroa e, ao mesmo tempo,
cortemos-lhe a cabeça. Enquanto fôlego
tomamos, aplicai-lhe o golpe extremo.

CLIFFORD · Isso é comigo; é meu ofício; quero
vingar meu pai.

RAINHA MARGARIDA · Espera um bocadinho;
vamos ouvir as orações do monstro.

YORK · Loba da França, muito mais sanhosa
do que os lobos da França, cuja língua
encerra mais veneno do que as presas
das serpentes: quão mal te assenta ao sexo
tripudiar como reles amazona
nos inimigos que a fortuna abate!
Se esse rosto não fosse indiferente
como as máscaras, e o hábito dos atos
pecaminosos não tivesse dele
tirado todo o brio, eu tentaria
fazer-te enrubescer, rainha altiva.
Dizer a tua origem, de onde vieste,
fora mais do que opróbrio se algum laivo
tivesses de vergonha. Assume o título

teu pai de Rei de Nápoles, das Duas Sicílias, de Jerusalém; no entanto possui qualquer dos nossos lavradores mais riquezas do que ele. Foi com esse pobre rei que aprendeste tais insultos? Não te podem ser úteis, orgulhosa rainha, e só te assentam, se quiseses demonstrar a verdade do provérbio: Quando o mendigo monta, calca a espora no cavalo, até que ele a morrer venha. Na beleza consiste, muitas vezes, o orgulho das mulheres; mas Deus sabe que o teu quinhão foi nulo neste ponto. A virtude as faz dignas de respeito; mas o contrário, justamente, disso, te impõe à admiração. O pudor torna-as santas; a feita dele te transforma num ser abominável. Tão oposta és de tudo o que é bom, como os antípodas o são de nós e o sul do setentrião. Oh coração de tigre envolto em pele de mulher! Como foi que tu pudeste, sem de mulher haver perdido a forma, fazer o pai de uma criança os olhos enxugar com o lenço que tu mesma embeberas, feroz, no sangue dela? As mulheres são brancas, delicadas, sensíveis e piedosas; tu, insensível, sem remorsos, de pedra, sem piedade. Querias que eu ficasse enfurecido? Agora estás contente. Que eu chorasse? Conseguiste o almejado. Os aguaceiros são tocados por ventos impetuosos; mas quando estes se aplacam, cai a chuva. Vão servir estas lágrimas de obséquias ao meu Rutland, clamando cada gota vingança contra ti, malvado Clifford, e contra esta francesa falsa e hipócrita!

NORTHUMBERLAND ·
 Maldição sobre mim! Mas de tal modo me comove a dor dele, que não posso quase reter o pranto.

YORK · Nem os próprios canibais esfomeados tocariam o rosto da criança, maculando-o de sangue. Mas sois todos desumanos,

inexoráveis como... Não! Dez vezes mais cruéis e insensíveis do que os tigres da Hircânia. Vê, rainha sem piedade, as lágrimas de um pai desventurado. O pano que no sangue do meu filho tu molhaste, ora eu lavo com este pranto. Conserva o lenço e orgulha-te do feito.

(Restitui-lhe o lenço.)

E se contares esta triste história como ela foi, de fato — por minha alma! — chorarão os ouvintes; até mesmo meus inimigos, derramando lágrimas exclamarão: Meu Deus! Quanta crueldade! Toma, toma a coroa! Leva a minha maldição. Só desejo que na tua necessidade achar possas consolo como essa cruel mão me proporciona. Tira-me logo deste mundo, duro Clifford; minha alma suba para o céu; caia em vossas cabeças o meu sangue.

NORTHUMBERLAND ·

Se o carrasco de toda a minha gente ele tivesse sido, por minha alma, não deixaria de chorar por ele, só por ver como a dor o mortifica.

RAINHA MARGARIDA ·

Estais a ponto de chorar, Milorde Northumberland? Pensai somente em tudo que de ruim ele nos fez, e logo secarão essas lágrimas dolentes.

CLIFFORD ·

Eis, por meu juramento; esta, em vingança de meu pai.

(Apunbala-o.)

RAINHA MARGARIDA · Esta vai pelo direito do nosso rei bondoso.

(Apunbala-o.)

YORK · Deus clemente, abre-me as largas portas de tua graça! Escapa-se por estes ferimentos minha alma, a procurar-te.

(Morre.)

RAINHA MARGARIDA · Decepai-lhe a cabeça e nas portas de York a ponde, Pode York, assim vigiar a vila de York.

(Saem.)

Ato II • Cena I

Planície perto da cruz de Mortimer, em Herefordshire. Tambores; entram Eduardo e Ricardo, com tropas, em marcha.

EDUARDO · Como teria conseguido o nosso nobre pai escapar? É o que pergunto, se é que ele conseguiu fugir de Clifford e de Northumberland. Se ele tivesse caído prisioneiro, já o teríamos sabido; se tivesse sido morto, teríamos sabido; e caso, creio, conseguisse escapar, a boa nova já nos teria vindo de sua fuga.

Mano, e vós? Por que estais assim tão triste?

RICARDO · Enquanto não souber do paradeiro de nosso bravo pai, é-me impossível ficar alegre. Vi-o na batalha provendo a tudo, tendo percebido que ele Clifford visava. Pareceu-me que se portava sempre, no mais denso da peleja, qual leão numa manada, ou como urso cercado de rafeiros que morde uns poucos e a ganir os deixa, ficando os outros a ladrar de longe.

Assim fez nosso pai com os inimigos; desta arte os inimigos escapavam da belicosa valentia dele.

Creio ser prêmio sem igual o termos o pai que temos. Vede como a Aurora abre suas portas de ouro e se despede do sol glorioso; em sua mocidade resplandecente se assemelha ao jovem cheio de garbo em frente à bem-amada.

EDUARDO · Estarei ofuscado, ou vejo mesmo três sóis?

RICARDO · Três sóis gloriosos, em verdade, todos eles perfeitos sem que estejam separados por nuvens transitórias, mas bem distintos no céu claro e escampo. Vede! Vede! Juntaram-se, abraçaram-se! Parece que se beijam, como no ato de firmarem um pacto inquebrantável. Agora eles não formam mais do que uma lâmpada, um sol apenas, uma luz.

Assim nos prognostica o céu eventos.

EDUARDO ·

Realmente, é extraordinário, nunca visto. Penso, irmão, que o prodígio nos impele para o campo de luta. Nós, os filhos do alto Plantageneta, que brilhamos por nosso próprio mérito, devemos reunir as nossas luzes e espargi-la na terra, como o faz o sol no mundo. Seja o que for, daqui por diante eu hei de pôr no escudo três sóis resplandecentes.

RICARDO · Se o permitis, direi que é preferível pordes três luas; sempre antepusestes as mulheres aos homens.

(Entra um mensageiro.)

Quem és tu,

cujo olhar carregado nos revela, por antecipação, alguma história terrível, que da língua tens suspensão?

MENSAGEIRO · Ai, eu sou a dolente testemunha do trespasse do grande Duque de York, vosso pai, meu senhor sempre lembrado.

EDUARDO · Não fales mais; já basta o que disseste.

RICARDO · Dize como morreu; quero ouvir tudo.

MENSAGEIRO · Cercado ele se viu por incontáveis inimigos, lutando contra todos, como o fez a esperança da alta Tróia, quando os gregos queriam tomar Tróia. Nem Hércules, porém, resiste ao número; à ação de muitos golpes, desferidos por uma machadinha, o mais possante carvalho oscila e acaba vindo ao solo. Por muitas mãos foi vosso pai vencido, mas trucidado apenas pelo braço furioso e atroz do inexorável Clifford e o da rainha, que ao bondoso duque, por escárnio, coroou; riu-lhe no rosto; e como ele chorasse de tristeza, a malvada lhe deu, para o seu próprio rosto enxugar, um lenço que embebera no sangue inócuo do inocente e jovem Rutland, a quem matara o infando Clifford. E assim, depois de chufas e escarninhos, cortaram-lhe a cabeça, que puseram

numa das portas de York, onde até agora ainda se encontra. Nunca vi espetáculo tão triste assim, em toda a minha vida.

EDUARDO · Querido Duque de York, eras o esteio de nós todos; e agora, que partiste, ficamos sem firmeza e sem apoio.

Oh Clifford implacável, trucidaste, com esse golpe, a flor dos cavaleiros da Europa. Só pudeste subjugá-lo usando de traição, que, frente a frente, vencido ele te houvera sem trabalho.

Doravante o palácio de minha alma se transmuda em prisão. Pudesse logo fugir a prisioneira, porque o corpo, sepultado, na terra repousasse!

Nunca mais eu terei um dia alegre; não, nunca mais eu viverei contente.

RICARDO · Chorar é-me impossível, que a umidade de todo o corpo é certamente escassa

para acalmar o ardor desta fornalha que o coração me abrasa. De igual modo não pode a língua aliviar o peito

do fardo que o comprime, pois o próprio sopro de que eu me valho para a fala,

deixa as brasas do peito mais envoltas nas chamas, que este pranto quereria,

de uma vez, extinguir. Quem chora, alcança alívio para a dor; o choro é próprio

de crianças; os golpes do desforço dizem melhor comigo. Tenho o mesmo

nome que tu, Ricardo; hei de vingar-te, ou perecer com glória, após tentá-lo.

EDUARDO · O nome te deixou esse valente duque; eu herdo o ducado e sua sede.

RICARDO · Se dessa águia real provéns, de fato, prova-o fitando o sol. Não te refiras

ao ducado e sua sede, mas ao reino que ele deixou, e o trono; ou te pertencem,

ou não debes dizer que és filho dele.

(Marcha. Entram Warwick e o Marquês de Montague, com tropas.)

WARWICK ·

Então, meus caros lordes, para onde ides?

Que novidades há?

RICARDO · Se eu vos contasse,

Oh meu grande Lorde Warwick! nossas tristes notícias, aplicando-nos a cada

palavra uma estocada, até que tudo vos dissesse, as palavras causariam muito maior angústia do que os golpes. Nobre lorde, foi morto o Duque de York.

EDUARDO · Esse Plantageneta, querido Warwick, que te estimava tanto como à própria salvação de sua alma, as mãos

do cruel Lorde Clifford a vida a perder veio.

WARWICK · Afoguei essas novas, há dez dias, em lágrimas, e agora vou contar-vos coisas que aconteceram depois disso, para vos aumentar o sofrimento.

Depois do prélio sanguinoso havido em Wakefield, no qual vosso galhardo genitor exalou o último alento,

eu recebi, com a rapidez possível dos melhores correios, a notícia de vossa perda, a um tempo, e de sua morte.

Eu me encontrava em Londres, no meu posto de guardador do rei. Incontinenti,

reuni nossos amigos, meus soldados e, bem armados todos, como creio,

fui para Santo Albano, tencionando interceptar a marcha da rainha.

Comigo esteve o rei todo esse tempo, porque tinha sabido pelos nossos

espias que ela vinha com o propósito de anular o decreto referente

à vossa sucessão e ao juramento do Rei Henrique. Para não ser longo.

Em Santo Albano as forças se encontraram, tendo havido bravura dos dois lados.

Mas, ou fosse por causa da frieza que o rei mostrava, olhando ternamente para a esposa aguerrida, o que a coragem

fez abater dos nossos combatentes; ou fosse pela nova das vitórias

da rainha, ou, também, medo excessivo das ameaças de Clifford, que trovoava

para os presos apenas sangue e morte: não sei dizer. Mas para ser verídico:

as armas inimigas rebrilhavam como o raio, cruzando os horizontes;

as dos nossos soldados — mais semelhantes ao indolente vôo das corujas

ou ao mangual nas mãos de preguiçoso debulhador — caíam molemente

como quando atiradas contra amigos. Procurava animá-los, lembrando-lhes a justiça da causa e prometendo maior soldo e outras grandes recompensas. Mas foi tudo baldado, que já estavam sem coragem nenhuma e nós sem réstia de esperança de obtermos a vitória com tais soldados. Assim, pois, fugimos: o rei, para juntar-se à sua esposa; vosso irmão Lorde Jorge, eu e mais Norfolk a toda pressa viemos procurar-vos porque tivemos, em caminho, a nova de que estáveis aqui reunindo forças para vos empenhardes noutra luta.

EDUARDO ·

Onde está, gentil Warwick, onde, o Duque de Norfolk e em que data Jorge veio de Borgonha?

WARWICK · A seis milhas, mais ou menos, daqui se encontra o duque com seus homens; vosso irmão foi enviado, há pouco tempo, pela Duquesa de Borgonha, vossa bondosa tia, com reforços para vos tirar dos apertos desta guerra.

RICARDO · Coisa rara, fugir o valente Warwick! Já ouvi, mais de uma vez, elogiarem-no por perseguir os adversários; nunca, porém, censura, porque tenha, acaso, praticado a vergonha de fugir.

WARWICK · Nem agora, Ricardo, ouvirás isso. Fica sabendo que esta mão temível poderia arrancar o diadema da cabeça do tímido monarca e de sua mão o cetro, em que ele fosse tão famoso por força e valentia como o é por devoção, piedade e calma.

RICARDO ·

Sei disso, e escusa peço, Milorde Warwick; o zelo à vossa glória é que em mim fala. Mas que fazer num tempo de atropelos como o nosso? Deixarmos nossas cotas de aço para de preto nos vestirmos e ave-marias a rezar nos pormos? Ou mostraremos nossos sentimentos religiosos nos cascos dos imigos, com braço vingador? Se concordardes, milordes, dizei “sim” e o fazei logo.

WARWICK · Ora, para isso mesmo Warwick veio vos procurar e, assim, o irmão Montague.

Senhores, atendei-me: a intolerável rainha, juntamente com o arrogante Northumberland, e Clifford, e outros, e outros pássaros, orgulhosos da plumagem, conseguiram deixar o soberano tão mole quanto cera. Ele se tinha comprometido a vos deixar o trono, compromisso que se acha registrado no parlamento. No entretanto, a turba toda foi para Londres, só com o fito de anular essa jura e contra a casa de Lencastre fazer todo o possível. Trinta mil homens, creio, é toda a força de que dispõem. Ora, se contarmos os meus homens, o auxílio ainda de Norfolk e os amigos que tu, meu bravo Conde de March, entre os galenses devotados poderás levantar, conseguiremos perfazer um total de vinte e cinco mil homens. Muito bem. *Via!* Sigamos para Londres depressa; cavalguemos os Corcéis espumantes e de novo soltemos nosso grito: “Aos inimigos!” sem nunca mais fugir, voltando costas.

RICARDO · Agora, sim, falou o valente Warwick. Apague-se a luz bela ao vil escravo que der ordens contrárias a este bravo.

EDUARDO ·

São meu suporte esses teus ombros, Warwick. Se caíres — Que o céu tal não permita! — Eduardo cairá; Deus o proteja.

WARWICK ·

Não mais Conde de March: Duque de York! O outro degrau é o trono da Inglaterra, porque serás, de fato, proclamado Rei da Inglaterra em todas as aldeias por que passarmos, e quem não der mostras de alegria, para o ar jogando o gorro, pagará com a cabeça a grande falta. Rei Eduardo, Ricardo valoroso, Montague, não fiquemos por mais tempo sonhando com heroísmos, mas façamos soar logo as trombetas. A caminho!

RICARDO · Se tão duro como o aço tu tivesses, Clifford, o coração — como o demonstras

com a rigidez do teu procedimento —
eu o ferira ou daria o meu em troca.

EDUARDO · Os tambores! Tocai! Deus e São Jorge
nos amparem.

(Entra um mensageiro.)

WARWICK · Então, que novidades?

MENSAGEIRO ·

Manda o Duque de Norfolk anunciar-vos

por mim, que vem a este lugar chegando
a rainha com forças poderosas.

Ele deseja vossa companhia
para um conselho urgente.

WARWICK · Tudo marcha
pelo melhor. Bravos soldados, vamos!

(Saem.)

Ato II · Cena II

Diante de York.

*Toque de clarins. Entram o Rei Henrique, a
Rainha Margarida, o Príncipe de Gales, Clifford e
Northumberland, com tambores e trombetas.*

RAINHA MARGARIDA ·

Bem-vindo sois, milorde, a esta notável
cidade de York. Vede ali a cabeça
do arqui-imigo que tanto desejava
cingir vossa coroa. Esse espetáculo
não vos alegra o peito?

REI HENRIQUE · Sim, no jeito
das rochas, para quem teme naufrágio.
Constringe-se-me o peito à vista disto.
Detém tua vingança, Deus bondoso;
não foi por gosto que infringi meu voto.

CLIFFORD · Meu gracioso senhor, é necessário
pôr de parte a brandura, essa piedade
prejudicial. A quem dirige olhares
amigáveis o leão? Decerto, nunca
ao animal que lhe usurpasse a cova.

Que mãos, acaso, lambe o urso selvagem?
Não as que tentam extinguir-lhe a prole.

Quem evita a picada da serpente?
Não, certamente, quem lhe calca o dorso.
Pisado, o menor verme se revira.

As próprias pombas dão bicadas, quando
na defesa do ninho. O ambicioso York
quis tomar-te a coroa; tu sorrias,
quando ele carregava o sobreceño;
não passando de um duque, ele queria
que fosse rei seu filho, procurando,
como pai cuidadoso, enaltecê-lo.

Tu, sendo rei, com a bênção de um tal filho,
deste o consentimento que o privava

da herança da coroa, revelando-te,
por esse modo, um pai desnaturado.
Os seres brutos tratam dos filhinhos;
e embora o rosto humano lhes repugne,
quem já não os viu, no afã de protegê-los
com as asas, que por vezes lhes servira
na fuga temerosa, fazer frente
a quem quer que até o ninho lhes subisse,
e pôr em risco a vida, na defesa
dos caros filhos? Que vergonha, príncipe!
Mirai-vos nesse espelho. Pois não fora
de lastimar que este gentil menino
viesse a perder, por fim, a realeza,
só por culpa do pai? E que dissesse,
mais tarde, para o filho: “Tudo quanto
meu bisavô e meu avô ganharam,
meu negligente pai perdeu sem tino”?
Fora grande vergonha. Olha para ele!
Que estes traços viris, anunciadores
de futuro auspicioso, te enrijeçam
o coração, deixando-te disposto
a conservar o trono e a transmitir-lho.

REI HENRIQUE ·

Clifford representou à maravilha
o papel de orador, desenvolvendo
convincentes razões. Mas uma coisa,
Clifford, me diz: acaso nunca ouviste
falar que o que é mal ganho, raramente
produz o bem? Ou que tivesse sido
feliz o filho cujo pai baixasse
para o inferno por ter entesourado
muitas riquezas? Deixarei de herança
para meu filho as minhas ações boas.
Quem dera que outro tanto me tivesse
meu pai deixado! Tudo o mais é indigno

de grande apreço, pois produz mil vezes mais desgosto, no afã de ser obtido, do que prazer depois de conquistado.

Ah, primo York, eu quisera que soubessem teus melhores amigos quanto eu sinto por ver tua cabeça aqui espetada!

RAINHA MARGARIDA ·

Desperta os espíritos, milorde; o inimigo está perto. Essa coragem delicada tira o ânimo dos vossos adeptos. Prometestes que armaríeis cavaleiro meu filho esperançoso.

Desembainhai a espada e, sem delongas, dai-lhe a pancada no ombro. Vamos, filho, põe-te de joelhos.

REI HENRIQUE · Alça-te, Eduardo Plantageneta, feito cavaleiro.

Aprende esta lição: usa da espada em defesa somente da justiça.

PRÍNCIPE ·

Com vossa permissão, meu pai gracioso, prometo dela usar como legítimo herdeiro da coroa, sem que o braço descansa, até eu morrer, nesta pendência.

CLIFFORD · É assim que fala um príncipe arrojado.

(Entra um mensageiro.)

MENSAGEIRO ·

Assumi vossos postos, reais caudilhos, pois com trinta mil homens de peleja chega Warwick, empenhado na defesa do Duque de York, e em todas as cidades como rei o proclama. Muitos fogem para ele. Preparai vossas colunas, que ele já se acha perto.

CLIFFORD · Desejara que Vossa Alteza abandonasse o campo; vós ausente, a rainha tem mais sorte.

RAINHA MARGARIDA ·

É isso mesmo, milorde; é conveniente que nos deixeis entregues ao destino.

REI HENRIQUE ·

Vosso destino é o meu; por isso eu fico.

NORTHUMBERLAND ·

Resolvi-vos, então, a entrar na pugna.

PRÍNCIPE · Meu nobre pai, encorajai os nobres fidalgos e quem quer que vos defenda

Desembainhai a espada, pai querido, e gritai com entusiasmo: “Por São Jorge!”

(Marcha. Entram Eduardo, Jorge, Ricardo, Warwick, Norfolk, Montague e soldados.)

EDUARDO · Perjuro Henrique, queres ajoelhar-te para pedir perdão e o teu diadema na cabeça me pões, ou preferes tentar a mortal sorte em um combate?

RAINHA MARGARIDA ·

Lança essas repreensões em tua gente, rapazinho atrevido e presunçoso.

Fica bem para ti falar em termos de tão grande filáucia ao teu legítimo soberano e senhor?

EDUARDO · Seu rei sou eu;

ele é que deve vir dobrar os joelhos.

Concordou em fazer-me seu herdeiro.

Depois disso, quebrou o juramento, sim, porque me disseram que o obrigaste — uma vez que és o rei, de fato embora

dele seja a coroa — por um novo ato do parlamento a pôr o nome do filho no lugar que ao meu compete.

CLIFFORD · E com razão,

pois quem sucede ao pai, senão o filho?

RICARDO · Açougueiro, é tua voz? Oh! já não posso dizer mais nada; faltam-me palavras.

CLIFFORD ·

Sim, corcunda, sou eu. Aqui me encontro para te responder e aos insolentes iguais a ti.

RICARDO · O matador tu foste de Rutland, o inocente, não é verdade?

CLIFFORD ·

E também do velho York, o que ainda é pouco para que eu me confesse satisfeito.

RICARDO ·

Por Deus, senhores, transmiti logo ordens para o sinal da luta.

WARWICK · E tu, que dizes, Henrique: estás disposto a resignar?

RAINHA MARGARIDA ·

Warwick espevitado, o ousio tendes de tomar a palavra? No nosso último encontro, em Santo Albano, vossas pernas foram de mais proveito do que os braços.

WARWICK ·

Minha era a vez, então, de pôr-me em fuga;
ora a tua chegou.

CLIFFORD · A mesma coisa
disseste da outra vez, e, alfim, fugiste.

WARWICK · Clifford, não foi a tua valentia
que a isto me obrigou.

NORTHUMBERLAND · Nem vosso brio
o que vos poderia dar coragem.

RICARDO · Northumberland, consagro-te respeito;
põe fim logo à parlenda, pois a custo
posso conter o coração inflado,
em frente a Clifford, o cruel carrasco
de crianças.

CLIFFORD · Matei também teu pai;
chamas-lhe criança?

RICARDO · Sim, por teres sido
covarde e vil traidor, como ao matares
nosso caro irmão Rutland. Porém antes
de o sol se pôr, eu hei de te obrigar
a maldizer esse ato repugnante.

REI HENRIQUE ·
Parai, senhores, e escutai-me agora.

RAINHA MARGARIDA ·
Desafia-os de vez ou cala a boca.

REI HENRIQUE ·
Por favor, não me ponhas freio à língua;
sou rei; tenho direito de falar.

CLIFFORD · A ferida, milorde, que deu azo
a esta assembléia não se cura à custa
de conversas; por isso, ficai quieto.

RICARDO · Então, carrasco, arranca logo a espada.
Por Deus, estou convicto de que o brio
de Clifford se concentra só na língua.

EDUARDO · Henrique, dize logo: o meu direito
me será concedido? Alguns milhares
de homens que hoje almoçaram, certamente
deixarão de jantar, se te obstinares
em deter o meu cetro.

WARWICK · Sobre a tua
cabeça caia o sangue deles todos,
no caso de renúires, pois em armas
pegou York em defesa da justiça.

PRÍNCIPE ·
Se for justo o que é justo ao juízo de Warwick,
não há mais injustiça: tudo é justo.

RICARDO · Embora eu não soubesse a tua origem,
tua mãe está ali: tens a sua língua.

RAINHA MARGARIDA ·
Tu não saíste ao pai, mas a algum monstro
marcado a fogo, que o destino aponta
para ser evitado pelos homens,
como os sapos de aspecto repugnante,
ou lagartos de dentes pavorosos.

RICARDO · Ferro napolitano com camada
de ouro inglês, cujo pai se arroga o título
de rei — como se simples poça d'água
pudesse ser o mar — não te envergonhas,
conhecendo tua origem, de que a língua
te revele a baixaza do imo peito?

EDUARDO · Qualquer feixe de varas valeria
mil coroas, se com elas se pudesse
fazer que esta desbriada marafona
a si mesma chegasse a conhecer-se.
Foi Helena da Grécia mais bonita
cem vezes do que tu, conquanto possa
ser outro Menelau o teu marido.

Nunca o irmão de Agamêmnone sofreu
tanto ultraje de sua mulher falsa,
como de ti este rei. Chegou o pai deste
a ser feliz no coração da França;
domou o rei, pôs no jugo o delfim Carlos.

Se Henrique houvesse tido por consorte
mulher da sua posição, possível
fora ter até hoje a glória herdada.
Mas fazendo subir uma mendiga
para o seu leito, e honrando, com esse enlace,
teu pobre pai, assinalou o dia
para ele de aguaceiros que os troféus
submergiram do pai, ganhos na França,
e fez nascer revoltas na Inglaterra.

Sim, pois que causa, além do teu orgulho,
deu nascimento a todo este tumulto?
Se te houvesse mostrado complacente,
nossas reclamações, agora ouvidas,
dormiriam ainda e, por piedade
para com o rei, mais tarde é que viríamos
a campo pleitear nosso direito.

JORGE · Mas quando vimos nosso sol mudado
em tua primavera e que era estéril
para nós teu verão, determinamos
pôr o machado em tua usurpadora

Ato II • Cena III

(Saem.)

pois impediste ao rei bondoso a fala.
Soai logo trombetas; destraldemos
nosso estandarte, unidos na alta jura:
ou para a glória, ou para a sepultura!
RAINHA MARGARIDA . Eduardo, espera.
EDUARDO . Não mais! tuas palavras atrevidas
vão custar hoje aos homens dez mil vidas.

funegante, esse pobre gentil-homem
o espírito exaltou.

WARWICK . Então que a terra

se embebede com todo o nosso sangue.

A fim de não fugir, mato o cavalo.

Por que estamos aqui, como mulheres

sentimentais, a lastimar as perdas

que sofremos, enquanto, em fúria, o inimigo

tudo domina, e os fatos contemplamos,

como se se tratasse de tragédia

levada a cena por atores falsos?

Ao Deus do alto, de joelhos, aqui juro

não descansar jamais, não parar nunca,

tê que os olhos cerrar me venha a morte,

ou vingar-me a fortuna me permita.

EDUARDO . Oh Warwick! Eu também dobro os joelhos

ao teu lado e minha alma ligo à tua

no mesmo juramento. Antes que a face

fria da terra os meus joelhos deixem,

elevo o coração, e as mãos, e os olhos

para Ti, que entronizas e derrubas

todos os reis, pedindo-te, se acaso

for da tua vontade vir meu corpo

a ser presa, afinal, dos inimigos,

que as portas celestiais, ao menos, me abras

e deixes que minha alma peccadora

seja benignamente recebida.

E agora, meus senhores, despeçamo-nos

até novo encontro, sem cuidarmos

de saber o local: o céu ou a terra.

RICARDO . Dá-me a mão, Eduardo; gentil Warwick,

com estes braços cansados te uno ao peito.

Eu, que nunca chorei, agora em lágrimas

Campo de batalha entre Towton e Saxton, em Yorkshire.
Rebate; movimento de tropas. Entra Warwick.

WARWICK . Depois de ter lutado, com estênuo

corredor em comita, vou agora

sentar-me um pouco, a fim de tomar fôlego,

porque os golpes, sem conta, recebidos

e os inúmeros dados em revide

me deixaram sem força, quase, os músculos.

Queira ou não, é preciso que eu repouse.

(*Entra Eduardo, a correr.*)

EDUARDO . Ri, céu bondoso! Ataca logo, Morte!

que o mundo me é contrário, ou o sol de Eduardo

de nuvens se acha envolto.

WARWICK .

Que há de novo,

milorde? Que esperança há para os nossos?

(*Entra Jorge.*)

JORGE . Nossa sorte e a derrota: o que esperamos,

o triste desespero. Nossas filhas

se partiram; a ruína nos persegue.

Que aconselhai? Para onde fugiremos?

EDUARDO . Tentar a fuga é inútil, que com asas

eles nos vêm no encaço. Estamos fracos

por demais; é impossível resistir-lhes.

(*Entra Ricardo.*)

RICARDO . Warwick, por que motivo te afastaste?

Já se abrevou a ressequida terra

no sangue de teu irmão, que a fina lança

de Clifford derramara. Ainda nos transe

da morte ele clamava, como horrendo

sinal que muito ao longe se escutasse:

“Vingança, Warwick! Irmão, vingame, vingame!”
que os machinhos molhavam em seu sangue

me desfaço, por ver que, prematuro,
me corta o inverno as flores do futuro.

WARWICK · À luta, amigos! Novamente: adeus!
JORGE · Voltemos juntos para os nossos homens
e a todos demos liberdade para
sair. Serão nossos esteios fortes
os poucos que ficarem. Se der certo,

prometamos-lhes prêmios, como era uso
ganhar o vencedor nas Olimpíadas.
Nos peitos vacilantes, por sem dúvida,
isso afirma a coragem. Ainda há esperança
de vida e de vitória. Não percamos
mais tempo. Vamos logo. Avante todos!

(*Saem.*)

Ato II · Cena IV

Outra parte do campo.

Rebate. Entra o Rei Henrique.

REI HENRIQUE · Esta batalha faz lembrar a luta
da manhã, quando as nuvens moribundas
brigam com a luz nascente, não podendo,
nesse tempo, o pastor, que nas mãos sopra,
dizer com exatidão se é dia ou noite.

Às vezes ela pende para um lado
como mar poderoso compelido,
pela maré, a se medir com os ventos;
às vezes vai para o outro, como o próprio
mar, que a ceder os ventos obrigassem.

Agora o mar domina, agora o vento;
ora um é forte; após, o outro o suplanta.

Nessa compita, assim, peito com peito,
nenhum vence, vencido nenhum fica,
a tal ponto esta guerra sanguinosa
se mostra equilibrada. Vou sentar-me
neste monte de terra de toupeiras.

Seja a vitória de quem Deus quiser.

Do campo de batalha me tiraram
minha consorte Margarida e Clifford,
jurando ambos que sempre lhes corria
tudo pelo melhor estando eu longe.

Quem me dera que morto eu já me achasse!

Assim Deus o quisesse. Neste mundo
tudo é aflição, tudo pesar profundo.

Oh Senhor, quero crer que fora a vida
muito para invejar, se eu mais não fosse
do que um simples pastor e me sentasse,

em cômoros, tal como o faço agora,
a observar o relógio atentamente

e ver como os minutos se sucedem,
quantos são necessários para uma hora,
quantas horas se somam num só dia,

quantos dias um ano inteiro fazem,
quantos anos a vida humana alcança.
Sabido isso, partir desta arte o tempo:
tantas horas dedico ao meu rebanho,
tantas horas ao sono são votadas,
tantas horas são dadas à oração,
tantas horas ocupo-me em desporto;
tantos dias gravidam-se as ovelhas,
tantas semanas mais, e darão cria,
tantos anos, até que a lã lhes tose.
Minutos, horas, meses, dias, anos,
assim, sendo empregados como devem
de ser, conduziriam para quieta
sepultura os cabelos descorados.
Oh, que vida fora essa! Que inefável
doçura! Não é certo que o espinheiro
fornece sombra muito mais amena
ao pastor que contempla as inocentes
ovelhas, do que o fazem recamados
dosséis aos reis que de seus próprios súditos
a toda hora se temem? Oh! de fato,
mil vezes mais amena. Finalmente,
a coalhada tão simples do pastor,
a água bebida no odre, fria e clara,
o costumeiro sono à fresca sombra
do bosque; em suma, tudo o que ele goza
feliz e sem cuidados, ultrapassa
muito e muito as delícias dos monarcas,
os vinhos que nas copas áureas brilham,
o corpo em raro leito recostado,
quando os cuidados e a traição o espreitam.

(*Alarma. Entra um filho que matou o
pai, arrastando o corpo.*)

FILHO · Ruim é o vento que a ninguém dá lucro.
Este sujeito que eu matei em luta
mão por mão, pode ter muitas coroas;

e eu que lhas tomo agora, alegremente, talvez antes da noite a vida entregue nas mãos de outra pessoa, como acaba de me fazer o morto. Mas, que vejo! Oh Deus! O rosto de meu pai! Matei-o sem o querer, na luta. Fui, em Londres, forçado a me alistar entre os soldados do monarca. Meu pai, que era da casa do Conde Warwick, a instâncias do seu mestre, veio em defesa do partido de York.

E eu, que lhe devo a vida, acabo agora de, com estas mãos, privá-lo da existência. Perdão, meu Deus, eu não sabia nada! Perdão, meu pai, eu não te conheci! Estas manchas de sangue, vou lavá-las com lágrimas sentidas. Nenhuma outra palavra hei de dizer, enquanto o pranto com abundância não houver corrido.

REI HENRIQUE ·

Oh cena triste! Oh tempo sanguinário! Enquanto os leões as covas se disputam, os cordeirinhos inocentes ficam à mercê de seu ódio. Desgraçado, chora, chora, que, lágrima por lágrima, hei de ajudar-te nisso, porque os olhos e os corações, tal como em civil guerra, ceguemos de chorar e arrebetemos sob o fardo pesado das agruras.

(Entra um pai que matou o filho, com o corpo nos braços.)

PAI · Tu, que me resististe tanto tempo, dá-me o teu ouro, caso algum possuas, pois o paguei ao preço de cem golpes. Mas vejamos; teria o inimigo semelhante feições? Não, não! É o rosto do meu único filho. Oh filho amado, se uma pouca de vida ainda conservas, abre os olhos e vê todo o aguaceiro que o vento tempestuoso do meu peito lança em tuas feridas, afogando-me o coração e os olhos. Deus, apiada-te do desgraçado tempo em que vivemos! Quantas ações violentas, sanguinárias, sediciosas, errôneas, desumanas, faz nascer diariamente esta contenda! Muito moço, meu filho, eu te dei vida, é dela te privei, ai! muito velho.

REI HENRIQUE ·

Dor sobre dor, tristeza mais que humana! Se eu pudesse, morrendo, pôr um término a todas estas cenas de crueldade! Compaixão, céu bondoso, compaixão! Distingo-lhe no rosto as duas rosas: a branca e a rubra, as cores infelizes dos partidos rivais. Uma se encontra retrada no sangue purpurino; outra nas faces pálidas, parece-me, se faz representar. Murche uma rosa, para que outra floresça! Se brigardes, será forçoso que mil vidas sequem.

FILHO · Como por minha mãe eu serei visto, eu, que matei meu pai e que ora a deixo privada para sempre de consolo!

PAI · Minha mulher! Que mares não vai ela verter de pranto, sem que venha nunca para a morte do filho a achar consolo!

REI HENRIQUE ·

Como há de o povo desta terra ao próprio soberano assacar pesadas culpas por tudo isto, sem nunca achar consolo!

FILHO · Que filho já terá chorado tanto a morte de seu pai?

PAI · Que pai terá chorado tanto a morte de seu filho?

REI HENRIQUE ·

Algum rei já sofreu tanto as desgraças do próprio povo? Vossa dor é grande; mas a minha é dez vezes mais pungente.

FILHO · Vou levar-te para onde eu chorar possa.

(Sai com o corpo.)

PAI · De mortalha estes braços vão servir-te; campa ser-te-á meu coração, criança. Jamais hei de deixar que a tua imagem do peito se me apague; meus suspiros vão tocar a finados por tua morte. Os funerais teu pai vai preparar-te com tal tristeza, por não ter mais filhos, como Príamo o fez, quando da perda de seus filhos valentes. Vou levar-te daqui. Foi-me na guerra averso o fado; assassinei meu filho idolatrado.

(Sai com o corpo.)

REI HENRIQUE ·

Dobrai-vos sob o jugo da desgraça;
mas eis um rei que em dor vos ultrapassa.

*(Alarma. Movimento de tropas. Entram a Rainha
Margarida, o Príncipe de Gales e Exeter.)*

PRÍNCIPE · Fugi, meu pai, fugi! Vossos amigos
já a salvação na fuga procuraram.

Qual touro espicaçado, aí vem Warwick.
Vamos! Que a morte está no nosso encalço.

RAINHA MARGARIDA ·

Montai, milorde, e dirigi-vos logo
para Berwick. Ricardo e Eduardo, como
dois galgos, quando à vista de medrosa

lebre a fugir, os olhos injetados
a brilhar de raiva, com sangrentos
gládios nas mãos irosas, vêm chegando
nos nossos calcanhares. Vamos logo!

EXETER · Vamos logo; a vingança vem com eles.
Nada de reflexões; vamos depressa.

Ou então, segui-nos, que eu já vou na frente.

REI HENRIQUE ·

Bondoso Exeter, leva-me contigo.

Não tenho medo de ficar, é certo;
porém apraz-me sempre estar ao lado
de Margarida. Avante, pois! Depressa!

(Saem.)

Ato II · Cena V

O mesmo. Grande alarma. Entra Clifford, ferido.

CLIFFORD · Vai se extinguir aqui o meu archote
que tanta luz já deu ao Rei Henrique.

Receio muito mais, Lencastre, a tua
queda do que a partida de minha alma.

O amor ou o medo a mim te conquistaram
muitos amigos; e ora que eu sucumbo,
vais perder teu cimento consistente.

Henrique se enfraquece; ganha forças
o insuportável York. O populacho
voa como, no estio, em bando, as moscas.

E para onde hão de voar tantos mosquitos,
a não ser para o sol? Quem brilha, agora,
senão os inimigos do monarca?

Oh Febo, se jamais tivesses dado
consentimento a Faetonte para
dirigir teus fofosos corredores,
nunca teu carro, em labaredas, viera
a estorricar a terra. E tu, Henrique,
se houvesse sido rei, como cumpria,
o pai e o avô seguindo neste ponto,
sem terreno ceder à casa de York,
jamais a gente dela enxamearia
como as moscas do estio; eu e milhares
de outras pessoas deste infeliz reino
viúvas não deixáramos de luto
por nossa morte, e tu ainda estarias
governando, pacífico, o teu povo.

Que é que faz pulular a erva daninha,
afora o ar generoso? Que é que torna
mais audaciosos os ladrões de estrada,
senão muita bondade? Infrutuosas
são todas estas queixas, incuráveis
minhas feridas. Acham-se trancados
os caminhos da fuga e inteiramente
gastas as forças que a esse fim servissem.
O inimigo é impiedoso e não se abranda;
não lhe mereço complacência alguma.
O ar penetrou nestas mortais feridas;
a hemorragia me deixou abatido.
York e Ricardo, vinde! Apunhalai-me
logo o peito; matei o vosso pai.

(Desmaia.)

*(Alarma e retirada. Entram Eduardo, Jorge, Ricardo,
Montague, Warwick e soldados.)*

EDUARDO · Repousemos, senhores; a Fortuna
nos concede esta pausa e alisa a rude
face da guerra com olhar pacífico.
No encalço algumas tropas já partiram
da sanguinosa e tétrica rainha
que leva o calmo Henrique — muito embora
seja ele o rei — tal como o faz a vela
pelos ventos inflada, quando obriga
o navio a arrostar as ondas bravas.
Mas supondes que Clifford, meus senhores,
os acompanhe?

WARWICK · Não, não poderia

ter fugido. Conquanto aqui presente se ache Ricardo, devo declarar-vos que vosso irmão o assinalou de morte. Onde quer que se encontre, está sem vida.

(Clifford solta um gemido e morre.)

EDUARDO · Que alma se parte assim, pesadamente?

RICARDO · O gemido é sentido e inculca morte.

EDUARDO · Vê quem é: uma vez que a luta é finda, como amigos tratai dos inimigos.

RICARDO ·

Suspende essa ordem piedosa. É Clifford, Clifford que, não contente de podar o ramo promissor de verdes folhas, Rutland, ainda mergulhou, mortífera, a faca na raiz de onde proviera esse broto de tanta suavidade.

Falo de nosso pai, o Duque de York.

WARWICK · Tirai das portas de York, sem demora, a cabeça do duque, vosso pai,

colocada aí por Clifford, e a de Clifford

ponde nesse lugar. É de justiça:

medida por medida para o caso.

EDUARDO · Transportai logo para nossa casa essa coruja de tão mau agouro, que, fatal, só o exício nos cantava de todos nós. Até que enfim a morte pôs remate a esses sons ameaçadores. Sua língua agourenta já está muda.

(Alguns criados seguram o corpo.)

WARWICK ·

Quero crer que a consciência está apagada.

Dize, Clifford, conheces quem te fala?

Em seus raios vitais faz sombra a morte; não nos vê, nem compreende o que dizemos.

RICARDO · Oh, se o pudesse! E quem nos diz que não?

Talvez que nada passe de artifício

da parte dele, para dos insultos

se esquivar, em resposta aos que ele ao nosso pai dirigiu, ao lhe aprestar a morte.

JORGE · Se assim pensas, irrita-o com chacotas.

RICARDO ·

Clifford, pede perdão, sem que o consigas!

EDUARDO · Clifford, penitencia-te de balde!

WARWICK · Inventa escusas para as tuas culpas!

JORGE · Que nós inventaremos os castigos.

RICARDO · Tinhas amor a York; eu nasci dele.

EDUARDO · De Rutland te apiedaste; nós de ti.

JORGE · Onde está a Generala Margarida, que não te vem salvar?

WARWICK · É zombaria,

Clifford! Insulta como costumavas.

RICARDO ·

Como! Nenhum insulto? O mundo se acha, realmente, muito mal, para que poupe Clifford de imprecações os seus amigos.

Só por isso concedo que está morto.

Juro que, se, para ele, a minha destra comprar pudesse ao menos duas horas de vida, para que eu o acabrunhasse com sarcasmos, a esquerda a decepara e no sangue do golpe, borbulhante, eu afogara o biltre, cuja sede o jovem Rutland e York não saciaram.

WARWICK · Sim, mas morreu. Cortai logo a cabeça do traidor e a trocai pela do duque vosso pai. Depois disso, para Londres sigamos triunfalmente, a fim de serdes coroado soberano da Inglaterra.

De lá Warwick irá cortando as ondas em direção da França, com a incumbência de fazer Lady Bona tua esposa.

Unirás, desse modo, os dois países.

Tendo a França por ti, perderás todo receio dos inimigos tresmalhados

que ainda têm esperança de revolta.

Embora seus ferrões estejam rombos, incomodam a gente com os zumbidos.

Primeiro hei de assistir à coroação; depois, far-me-ei ao mar para a Bretanha, para levar a termo esse consórcio, se milorde me der consentimento.

EDUARDO ·

Como o determinares, querido Warwick, assim ficará sendo; é nesses ombros que eu me firmo. Não hei de tomar nunca nenhuma decisão sem teu conselho.

Ricardo, decidi nomear-te Duque de Gloster; e a ti, Jorge, de Clarence.

Tal como nós, no reino vai ser Warwick: fará e desfará como lhe agrade.

RICARDO · Deixai que eu seja o Duque de Clarence; dai Gloster para Jorge; este ducado

traz infelicidade.

WARWICK · Oh, que tolice!

Ficas assim; serás Duque de Gloster.

E agora, para Londres, porque sejam positivados todos esses títulos.

(*Saem.*)

Ato III · Cena I

Uma montearia no Norte da Inglaterra.

Entram dois guardas-florestais, com bestas nas mãos.

PRIMEIRO GUARDA ·

Escondamo-nos dentro desta moita porque o veado há de vir para a clareira.

Encobertos, assim, nos será fácil matar o mais bonito do rebanho.

SEGUNDO GUARDA ·

Vou para o alto do morro; assim podemos disparar à vontade.

PRIMEIRO GUARDA · Isso é impossível:

teu tiro espantará logo o rebanho, vindo o meu a perder-se. Ficaremos junto para fazermos pontaria.

Para matar o tempo, vou contar-te quanto se deu comigo, de uma feita, neste mesmo lugar em que ora estamos.

SEGUNDO GUARDA ·

Vem vindo alguém; deixemos que se afaste.

(*Entra o Rei Henrique, disfarçado, com um livro de orações.*)

REI HENRIQUE ·

Por puro amor eu me evadi da Escócia, para lançar a meu país olhares repassados de afeto. Não, Henrique, já não é teu país; já não tens trono; foi-te da mão arrebatado o cetro; tiram-te da frente o óleo sagrado; ninguém mais dobra os joelhos para dar-te o título de César; suplicante

nenhum vem reclamar os seus direitos; não, ninguém mais te vem pedir justiça, pois como eu poderia ser-lhes útil, se para mim não posso fazer nada?

PRIMEIRO GUARDA ·

Eis um veado de pele muito rica; vamos pegá-lo: é o quondam soberano.

REI HENRIQUE ·

Aceitemos a cruel adversidade, seguindo nisso o parecer dos sábios.

SEGUNDO GUARDA ·

Que estamos esperando? Mãos a ele.

PRIMEIRO GUARDA ·

Um momento; deixemo-lo falar.

REI HENRIQUE ·

Minha mulher e o filho estão na França, em busca de socorro. O valente Warwick, segundo dizem, também lá se encontra com o fim de obter a irmã do soberano para esposa de Eduardo. Se a notícia

for verdadeira, pobre esposa e filho, todo o vosso trabalho está perdido,

porque Warwick é orador de sutil lábia e Luís um monarca que se deixa

conquistar por palavras persuasivas. Sobre este ponto fora, até, possível

que Margarida viesse a convencê-lo, por ser pessoa de inspirar piedade.

O peito há de abalar-lhe com suspiros.

Suas lágrimas calam no mais duro

coração; mostrar-se-ia manso o tigre ante o que ela dissesse; o próprio Nero

revelara remorsos, se pudesse

ver-lhe o pranto e escutar os seus queixumes.

Mas ela foi pedir, e dar foi Warwick.

À esquerda do monarca ela reclama socorro para Henrique; Warwick, à destra, solicita uma esposa para Eduardo.

Ela, a chorar, declara que deposto

Henrique ora se encontra; ele, sorrindo, comunica que Eduardo ocupa o trono.

A coitada, de dor, ficará muda,

enquanto Warwick os títulos desdobra do soberano, as faltas lhe atenua,

excogita argumentos poderosos,

ganhando, em suma, o rei, apesar dela

e obtendo dele a irmã e o mais que seja preciso para Eduardo ficar firme

no trono da Inglaterra. Oh Margarida!

Tudo vai ser assim como o predigo.

E tu, pobre alma, voltarás sozinha,

como desamparada te partiste.

SEGUNDO GUARDA ·

Quem és tu, que só falas de rainhas e de reis?

REI HENRIQUE · Muito mais do que aparento, menos do que mereço: um homem, certo, que menos é impossível. Ora, os homens podem falar de reis. Que mal há nisso?

SEGUNDO GUARDA ·

Sim, mas tu falas como se rei fosses.

REI HENRIQUE ·

Em pensamento o sou; é quanto basta.

SEGUNDO GUARDA ·

Se és rei, tua coroa onde é que está?

REI HENRIQUE ·

Trago-a no coração, não na cabeça; não tem diamantes, não tem pedras da Índia; nem se destina a andar à vista nunca.

Contentamento é o nome da coroa, de que mui raramente os reis se gozam.

SEGUNDO GUARDA ·

Nesse caso, se sois um soberano que de contentamento se coroa, vosso contentamento, e vós com ele, ficareis bem contentes de seguir-nos, pois pensamos que sois o rei deposto por nosso Rei Eduardo, e nós, seus súditos, que lhe juramos obediência, agora vos prendemos, por serdes seu contrário.

REI HENRIQUE ·

Nunca quebrastes vosso juramento?

SEGUNDO GUARDA ·

Tal juramento, nunca, e não o faremos.

REI HENRIQUE ·

Onde habitáveis, quando eu era rei?

SEGUNDO GUARDA ·

Nesta mesma região em que ora estamos.

REI HENRIQUE ·

Subi ao trono quando tinha apenas nove meses de idade. Soberanos foram meu pai e meu avô; jurastes-me fidelidade, então. Dizei-me agora: nunca quebrastes vosso juramento?

SEGUNDO GUARDA ·

Não, porque fomos súditos apenas enquanto fostes rei.

REI HENRIQUE · Como! Estou morto? Não respiro como homem? Sois ingênuos, ignorais vossas juras. Vede como sopro esta pena e do meu rosto a afasto, e depois como o vento a traz de volta.

Agora ao meu impulso ela obedece, para ceder depois a força estranha, sempre do lado do mais forte sopro.

Desse modo, leviano, é sempre o povo. Não quebreis vossa jura; minha branda persuasão não vos leve a esse delito.

Bem, conduzi-me; o rei será mandado: sois reis; dai ordens, que eu vos obedeço.

PRIMEIRO GUARDA ·

Somos súditos fiéis do Rei Eduardo.

REI HENRIQUE ·

Mas a sê-lo de Henrique voltaríeis, se o trono, como Eduardo, ele ocupasse.

PRIMEIRO GUARDA ·

Em nome, pois, de Deus e do monarca vos intimamos a irdes à presença do oficial de justiça.

REI HENRIQUE · Conduzi-me, pois, em nome de Deus. Obedecido deve ser vosso rei, quando nomeado. possa cumprir o rei o que Deus manda; a quanto ele mandar eu me submeto.

(Saem.)

Ato III · Cena II

Londres. Um quarto no palácio.

Entram o Rei Eduardo, Gloster, Clarence e Lady Grey.

REI EDUARDO · Mano de Gloster, o marido desta senhora, Sir John Grey, em Santo Albano

veio a perder a vida. Suas terras, o vencedor as teve. Ela deseja ser reintegrada, agora, nessas posses. Penso que fora injusto lhe negarmos o que nos pede, em vista de ter sido

morto esse gentil-homem tão conspícuo
quando em defesa dos direitos de York.

GLOSTER · Vossa Alteza faz bem em conceder-lhas;
fora desonra agir de outra maneira.

REI EDUARDO ·

É o que eu penso, também; mas esperemos.

GLOSTER (*à parte, para Clarence*) ·

Como! É assim? Pelo que veio a dama
deverá conceder algo, primeiro,
para que o rei lhe satisfaça a súplica.

CLARENCE (*à parte, a Gloster*) ·

Ele conhece o jogo; vede como
sabe sondar o vento.

GLOSTER (*à parte, a Clarence*) · Ficai quieto!

REI EDUARDO · Viúva, estudaremos com o devido
cuidado vossa súplica. Voltai
depois para saberdes a resposta.

LADY GREY · Gracioso soberano, é-me impossível
suportar dilação. Seja do agrado
de Vossa Alteza responder-me logo.

Vosso prazer me deixará contente.

GLOSTER (*à parte, a Clarence*) ·

Assim, viúva! Eu vos prometo todas
as terras, se o prazer dele, realmente,
vos deixar satisfeita. Sede firme;
do contrário, apanhais um golpe certo.

CLARENCE (*à parte, a Gloster*) ·

Não receio isso; a menos que ela caia.

GLOSTER (*à parte, a Clarence*) ·

Deus nos livre! Então o rei se aproveitara.

REI EDUARDO ·

Dizei-me, viúva: quantos filhos tendes?

CLARENCE (*à parte, a Gloster*) ·

Creio que ele deseja um filho dela.

GLOSTER (*à parte, a Clarence*) ·

Deixar-me-ei chibatear, se for só isso;
ele preferiria obter dois filhos.

LADY GREY · Três, ao todo, gracioso soberano.

GLOSTER (*à parte, Clarence*) ·

Ficareis com mais um, se a ele cederdes.

REI EDUARDO · De lastimar seria, se eles viessem
a perder o que o pai possuiu em terras.

LADY GREY · Sede, pois, generoso, mui temível
monarca, e concedei o que vos peço.

REI EDUARDO ·

Senhores, um momento: é meu desejo
sondar a inteligência desta viúva.

GLOSTER (*à parte, a Clarence*) ·

Um momento vos damos; ora tendes
momentos à vontade, até que os anos
num momento vos deixem de muletas.

(*Afasta-se com Clarence.*)

REI EDUARDO ·

Senhora, amais realmente vossos filhos?

LADY GREY ·

Tanto quanto a mim mesma.

REI EDUARDO · E que faríeis
para que eles pudessem ser felizes?

LADY GREY · Suportaria toda adversidade.

REI EDUARDO ·

Readquiri, pois, a bem de vossos filhos,
as terras que já foram do pai deles.

LADY GREY ·

É com esse fim que venho a Vossa Alteza.

REI EDUARDO · Vou dizer-vos o modo de as obter.

LADY GREY · Isso me obrigará ao serviço vosso.

REI EDUARDO · E que serviço me fareis em paga?

LADY GREY · O que mandardes, se me for possível.

REI EDUARDO ·

Decerto direis “não” ao meu pedido.

LADY GREY · Salvo se eu não puder satisfazer-vos-lo.

REI EDUARDO · Ser-te-á fácil fazer o que eu pretendo.

LADY GREY · Nesse caso farei quanto ordenardes.

GLOSTER (*à parte, a Clarence*) ·

Ele insiste. Água mole em pedra dura...

CLARENCE (*à parte, a Gloster*) ·

Vermelho que nem fogo! A cera é mole.

LADY GREY · Por que parais, milorde? Que serviço
me compete fazer?

REI EDUARDO · É muito fácil:
amar a um rei.

LADY GREY · É fácil e está feito,
porque eu sou vossa súdita.

REI EDUARDO · Devolvo-te,
então, os bens que foram do finado.

LADY GREY · Contente, e com mil graças; me
despeço.

GLOSTER (*à parte, a Clarence*) ·

Contrato pronto; a dama faz medidas.

REI EDUARDO ·

São os frutos do amor que eu tenho em mente.

LADY GREY · Sim, os frutos do amor, meu
soberano.

REI EDUARDO ·

Sim, mas noutro sentido, é o que eu receio.
Que amor calculas que eu estou a pedir-te?

LADY GREY · Meu amor até à morte, minhas preces,
meus agradecimentos irrestritos;
o amor que puder ser pela virtude
ao mesmo tempo dado e recebido.

REI EDUARDO ·

Diferente era o amor em que eu pensava.

LADY GREY ·

Então não compreendi vossas palavras.

REI EDUARDO ·

Creio que as entendeis, agora, em parte.

LADY GREY · Jamais consentirá meu sentimento
no que Vossa Grandeza me sugere,
se é certo o que imagino.

REI EDUARDO · Sem rebuços
darei que almejo me deitar contigo.

LADY GREY · Sem rebuços direi que é preferível
viver numa prisão.

REI EDUARDO · Pois, nesse caso,
não reaverás os bens do teu marido.

LADY GREY · Pois, nesse caso, todos os meus bens
consistirão na minha honestidade,
com cuja perda eu nada possuiria.

REI EDUARDO · Assim, teus filhos ficarão lesados.

LADY GREY · Assim, por Vossa Alteza ficaremos
lesados eles e eu. Mas, poderoso
senhor, esses alegres devaneios
não vão bem com a tristeza do pedido
que vos apresentei. Mandai-me logo
despachada, dizendo “sim” ou “não”.

REI EDUARDO ·

Sim, se disseres “sim” ao meu pedido;
não, se disseres “não” à minha súplica.

LADY GREY · Então não, meu senhor; já me retiro.

GLOSTER (*à parte, a Clarence*) ·

A viúva está zangada; franze o cenho.

CLARENCE (*à parte, a Gloster*) ·

O mais desajeitado namorado
de toda a cristandade.

REI EDUARDO (*à parte*) · Na maneira
de olhar, lê-se modéstia; no discurso
revela inteligência incomparável.

Todas as suas perfeições exigem
soberania. De qualquer maneira,
foi feita para um rei. Será, portanto,
minha amante, ou será minha rainha.

Digamos que Eduardo te esposasse?

LADY GREY · Meu senhor, isso é fácil de ser dito,
mas não tão fácil de ser posto em prática.

Como súdita, eu sirvo para objeto
de galhofa, mas me acho muito longe
de servir para o posto de rainha.

REI EDUARDO · Meiga viúva, juro por meu trono
que eu falei quanto almejo no mais íntimo
da alma: possuir-te como o meu amor.

LADY GREY · É mais do que pudera prometer-vos.

Sei que sou muito humilde para esposa
de Vossa Alteza, mas bastante boa
para tornar-me vossa concubina.

REI EDUARDO · Viúva, estais usando de malícia;
o que eu pretendo é vos fazer rainha.

LADY GREY · Ofenderia Vossa Graça, acaso,
ser chamado de pai pelos meus filhos.

REI EDUARDO ·

Não mais do que se minhas filhas viessem
a te chamar de mãe. Tens alguns filhos,
e — pela mãe de Deus — embora eu seja
celibatário, alguns, também, possuo.

Como é belo ser pai de muitos filhos!
Não me retruques; vais ser minha esposa.

GLOSTER (*à parte, a Clarence*) ·

O padre já acabou a confissão.

CLARENCE (*à parte, a Gloster*) ·

Fez-se padre por pura malandragem.

REI EDUARDO · Manos, adiviniais o que falamos?

GLOSTER · A viúva não gostou; tem o ar tristonho.

REI EDUARDO · Julgaríeis estranho desposá-la?

CLARENCE ·

Com quem, senhor?

REI EDUARDO · Comigo mesmo, ora essa!

GLOSTER · Provocaria espanto de dez dias.

CLARENCE · Um dia mais do que perdura o espanto.

GLOSTER · Fora infinito espanto assim tão grande.

REI EDUARDO ·

Podeis brincar, irmãos, quanto quiserdes;
digo-vos que ela obteve bom despacho
no que respeita às terras do marido.

(*Entra um nobre.*)

NOBRE · Vosso inimigo Henrique, meu gracioso
soberano, foi feito prisioneiro
e conduzido às portas do palácio.

REI EDUARDO ·

Levai-o para a Torre. Vamos, manos,

saber quem o prendeu, a fim de obtermos informações seguras sobre o modo por que foi preso. Podeis ir, viúva. Meus senhores, tratai-a honrosamente.

(Saem todos, menos Gloster.)

GLOSTER - Eduardo trata honrosamente todas as mulheres. Pudesse ele esgotado vir a ficar, medula, ossos e tudo, para que de seus rins ramo auspicioso não nascesse, capaz de separar-me da idade de ouro com que sempre eu sonho! Mas, entre mim e o anseio de minha alma — enterrado que seja, finalmente, o direito do lúbrico Eduardo — está Clarence, Henrique, o moço Eduardo seu filho e todos quantos ainda se acham por nascer deles e que certamente se sentarão no trono antes que chegue minha esperada vez. Considerandos bem frios, estes, para os meus projetos! Mas, afinal, tudo isto é simples sonho. Assemelho-me a alguém que, divisando de um promontório a praia ambicionada, pretendesse igualar os pés aos olhos e amaldiçoasse o mar que o separasse da meta cobiçada, prometendo deixá-lo seco e, assim, abrir caminho. Assim desejo o trono tão distante, e assim maldigo os meios que me impedem de chegar até ele, prometendo destruí-los, mas, com isso, mais não faço que me encantar com coisas impossíveis. Aguda tenho a vista, ambicioso demais o coração, para que possam igualá-los os braços e os recursos. Bem; concordemos que não há coroa para Ricardo. Então, que outra ventura poderá conceder-lhe o mundo todo? Transformarei em céu o belo colo de uma mulher, com ricos ornamentos o corpo cobrirei, e com palavras e olhares renderei damas galantes. Oh pensamentos miseráveis! Fora mais fácil conquistar vinte coroas. O amor me repudiou ainda no ventre de minha mãe. De medo que eu ficasse sob o seu regimento delicado, peitou a natureza criminosa

para que me deixasse o braço seco como galho sem seiva, e uma montanha invejosa no dorso me pusesse, de onde a deformidade zomba à grande do meu corpo, estas pernas me deixasse desiguais, afastando-me de toda proporção, como ainda informe filho de urso, que à mãe em nada se parece. Sou tipo, acaso, para ser amado? Oh monstruosa ilusão, pensar desta arte! Ora, se a terra só me proporciona a alegria do mando, do domínio, de subjugar pessoas bem formadas, seja o meu céu sonhar com a coroa. Enquanto eu tiver vida, puro inferno vai ser o mundo, a menos que a cabeça firmada, assim, neste disforme corpo, me circunde coroa gloriosa. Contudo, ainda não sei como alcançá-la, que muitas vidas entre mim e a pátria se interpõem, e eu me vejo qual pessoa que num bosque de espinhos se encontrasse, quebrando, a um tempo, espinhos, e por eles sendo quebrado, a procurar caminho, mas dele cada vez mais se afastando, sem saber como possa obter ar puro, sempre enleado a lutar em desespero: desta arte eu me atormento, só com o fito de apanhar a coroa da Inglaterra. Hei de livrar-me, alfim, deste martírio, muito embora precise abrir caminho com um machado sangrento. Sim, que eu posso vir a matar, matar, enquanto rio, gritar “Viva!” ao que o peito me compunge, banhar o rosto com fingidas lágrimas e adotar aparência condizente com qualquer situação. Mais marinheiros afogarei no mar do que a sereia; sem vida vou deixar muito mais gente que me olhar, do que o próprio basilisco; mostrarei a eloquência de Nestor; como Ulisses, serei astuto e fino; qual Sinão, ganharei mais uma Tróia. Ao camaleão eu posso emprestar cores, muito mais que Proteu mudar de formas, ao próprio Maquiavel servir de mestre. Posso tudo isso e não consigo o trono? Ora, hão de ver que dele eu vou ser dono.

Ato III • Cena III

(Sai.)

França. Um quarto no palácio.

Toque de clarins. Entram Luís, Rei da França, sua irmã Lady Bona, com séquito; seu almirante, de nome Bourbon. O rei se assenta no trono. Depois entram a Rainha Margarida, o Príncipe Eduardo e o Conde de Oxford. Luís se levanta.

REI LUÍS • Bela Rainha da Inglaterra, digna Margarida, ao meu lado vem sentar-te; não condiz com o teu berço e dignidade de pé te conservares e eu sentado.

RAINHA MARGARIDA •

Não, Rei da França, agora Margarida vai amainar a vela, porque possa, por momentos, servir quando os reis mandam.

Fui, confesso, rainha da grandeza de Álbion, nos dias áureos; mas agora a desventura conculcou meus títulos, com pesar para mim me pôs por terra, cumprindo-me viver, agora, acorde com minha infeliz sorte, e conformar-me com a humilde posição que me compete.

REI LUÍS • Bela rainha, a origem me revela desse teu desespero tão profundo.

RAINHA MARGARIDA •

Provém de causa que meus olhos enche de lágrimas sentidas, muda a língua me deixa e o peito cheio de cuidados.

REI LUÍS • Seja qual for, retorna ao teu estado, e ao lado meu te senta.

(Fá-la sentar-se ao seu lado.)

Não consintas

que a Fortuna te ponha sob o jugo, mas pisa triunfalmente nas desgraças. Se em França isso estiver, terá alívio.

RAINHA MARGARIDA •

Essas belas palavras me dão vida, de novo, ao pensamento, permitindo que a mágoa emudecida a falar torne. Saiba o nobre Luís que Henrique, o único dono do meu afeto, de rei que era se transformou em súdito banido que vive ora na Escócia, sem recursos, enquanto Eduardo, o altivo Duque de York,

o título real e o trono usurpa do monarca, de fato, da Inglaterra. Eis porque eu, esta pobre Margarida, com meu filho, este Príncipe Eduardo, de Henrique o único herdeiro, vim pedir-te legal e justo auxílio. Se renuíres, nossa esperança ficará perdida. Ajudar-nos a Escócia desejava, mas carece de meios; nossos pares e o povo estão sem guias, os soldados fugiram, o tesouro foi tomado. Como estás vendo, averso nos é o Fado.

REI LUÍS • Rainha ilustre; acalma a tempestade, enquanto um meio excogitamos para dissipá-la de vez.

RAINHA MARGARIDA • Quanto mais tempo ficarmos, mais o imigo cria força.

REI LUÍS • Quanto mais eu ficar, mais tenho meios para te socorrer.

RAINHA MARGARIDA • Mas a impaciência ao lado sempre está das grandes mágoas. Mas eis o causador das minhas mágoas.

(Entra Warwick, com séquito.)

REI LUÍS • Quem de nossa presença se aproxima com tamanha ousadia?

RAINHA MARGARIDA • É o Conde de Warwick, de Eduardo o grande amigo.

REI LUÍS • Valente Warwick, sê bem-vindo. Que vens fazer na França?

(O rei desce do trono. A Rainha Margarida se levanta.)

RAINHA MARGARIDA •

Ora começa nova tempestade, pois as ondas e os ventos ele os move.

WARWICK • Meu amo e soberano, o digno Eduardo, Rei de Álbion, teu amigo dedicado, me enviou, por afeição e amor sincero, primeiro, para que tua real pessoa fosse saudada; após, para pedir-te aliança de amizade; finalmente, para fortificá-la por um laço nupcial, caso consintas em que tua bela irmã, a virtuosa Lady Bona, esposa venha a ser do Rei Eduardo.

RAINHA MARGARIDA ·

Se isso se der, Henrique está perdido.

WARWICK (*a Bona*) ·

Graciosa dama, trouxe do monarca a alta incumbência de, se o permitirdes, a vossa mão beijar, humildemente, e de vos patentear os elevados sentimentos que o rei no peito abriga, onde a Fama, através de seus ouvidos atentos evocou tua infável imagem, adornada de virtude.

RAINHA MARGARIDA ·

Rei Luís, Lady Bona, antes de dardes resposta a Warwick, ouvi-me atentamente. O que ele vos pediu não vem do honesto nem bem intencionado amor de Eduardo, mas apenas da astúcia, alimentada pela necessidade. Como podem governar os tiranos, sem que obtenham poderosos aliados no estrangeiro? Ora, para provar que ele não passa de um tirano, direi apenas isto: que Henrique ainda está vivo. Mas embora já tivesse morrido, aqui vós vedes o Príncipe Eduardo, descendente do Rei Henrique. Cuida, Luís, portanto, de evitar a desonra e os dissabores, não consentindo no proposto enlace, pois embora a Fortuna, por momentos, se ponha ao lado dos usurpadores, o céu é justo e o tempo apaga todas as faltas sobre a terra.

WARWICK · Insultuosa
Margarida!

PRÍNCIPE · Rainha, por que não?

WARWICK · Por ter sido teu pai usurpador; ela é rainha como tu és príncipe.

OXFORD · Warwick, desse modo, anula o grande João de Gaunt, que a parte mais valiosa da Espanha conquistou, e, depois dele, Henrique quarto, o rei cuja prudência como espelho era tida pelos sábios, e, após esse rei sábio, Henrique quinto, cujo braço ganhou a França toda: provém deles, direto, o nosso Henrique.

WARWICK · Oxford, por que motivo nessa tua fala melosa não disseste a causa

de haver perdido Henrique sexto tudo quanto havia alcançado Henrique quinto? Estes pares da França certamente sorririam, ouvindo-te o discurso.

Quanto ao resto, nos falas de ascendência de sessenta e dois anos, tão-somente, tempo ridículo, decerto, para tornar incontestável esse título.

OXFORD · Como é que desse jeito podes, Warwick, falar tanto de um rei a quem durante trinta e seis anos tu rendeste preito, sem que o rubor se traia a felonía?

WARWICK ·

Dar-se-á que Oxford, que sempre paladino se mostrou do direito, ora procure fazer escudo da mentira de uma árvore genealógica? Envergonha-te! A Henrique deixa; a Eduardo chama rei.

OXFORD · Dar o nome de rei a quem foi causa, por áspero decreto, de que a vida viesse a perder o meu irmão mais velho, Lorde Aubrey Vere? E mais, meu pai querido, quando no ocaso dos maduros anos já o tinha a natureza colocado na soleira da morte? Isso não, Warwick! Enquanto a vida sustentar-me o braço, sustentarei a casa de Lencastre.

WARWICK · Como eu a casa de York.

REI LUÍS · Rainha Margarida, juntamente com o Príncipe Eduardo e Oxford fazei-nos o obséquio de vos pordes a departe por momentos, enquanto eu continuo conferenciando com o Conde de Warwick.

(A rainha, o príncipe e Oxford se afastam.)

RAINHA MARGARIDA ·

Não queira o céu que venha a dominá-lo Warwick, com o feitiço de sua fala.

REI LUÍS ·

Agora dize-me, Warwick: em consciência consideras Eduardo o rei legítimo dos ingleses? A mim repugnaria ligar-me a quem não o fosse de direito.

WARWICK · A palavra, sobre isso, empenho e a honra.

REI LUÍS · E no conceito popular? É amado?

WARWICK · Tanto quanto execrado fora Henrique.

REI LUÍS · Prossigamos, então: pondo de parte

qualquer simulação, toda a medida do amor ora revela que ele a Bona dedica, minha irmã.

WARWICK · Parece digno de um monarca como ele. Muitas vezes o ouvi asseverar, com juramentos, que o seu amor era uma eterna planta, com raízes no solo da virtude e com folhas e frutos sazoados pelo sol da beleza, em tudo isenta de maldade, mas muito dolorida, até que Bona corra a lhe dar vida.

REI LUÍS · Irmã, ouçamos ora o que decides.

BONA · Concordarei com quanto resolverdes. *(A Warwick)* Entretanto confesso que até agora, ouvindo elogiar vosso monarca, tem meu ouvido imposto julgamento, que aceitável o torna.

REI LUÍS · Nesse caso, Warwick, nossa irmã será de Eduardo.

E desde agora os pontos assentemos relativos aos bens que o soberano nos deve dar, o que sobejamente serão recompensados pelo dote de minha irmã. Rainha Margarida, vem para perto, vem; sê testemunha de que Bona desposa o rei inglês.

PRÍNCIPE · Desposa Eduardo, não o rei inglês.

RAINHA MARGARIDA ·

Warwick malicioso, tua astúcia concebeu este enlace, porque minhas esperanças morressem. Luís era de Henrique amigo antes de tu chegares.

REI LUÍS · E ainda é amigo dele e da Rainha Margarida. Mas, sendo o vosso título à coroa precário, como o deixa parecer o bom êxito de Eduardo, é justo que eu me sinta dispensado da promessa de auxílio de há momentos.

Contudo, em mim achareis sempre quanto merecer vosso estado e for possível.

WARWICK · Henrique está na Escócia, inteiramente à vontade; de seu não tendo nada, nada pode perder. Quanto a vós mesma, nossa quondam rainha, é bem sabido que tendes pai capaz de sustentar-vos. Fora curial, assim, que recaísse

sobre ele vosso peso, não na França.

RAINHA MARGARIDA ·

Não fales, Warwick sem pudor! Silêncio, fazedor orgulhoso de monarcas!

Daqui não sairei, sem ter, com lágrimas sinceras e discursos comovidos, feito ver a Luís toda a verdade de tua astúcia e da amizade falsa daquele que te enviou, porque sois aves de plumagem em tudo parecida.

(Ouve-se toque de buzina.)

REI LUÍS · Warwick, é algum correio, certamente, para um de nós; vejamos a mensagem.

(Entra um mensageiro.)

MENSAGEIRO · Essa carta, milorde embaixador, vos pertence, por vosso irmão enviada, o Marquês de Montague. Esta, do nosso monarca, para Vossa Majestade.

(A Margarida) Esta é vossa, senhora; ignoro a origem.

(Todos lêem as suas cartas.)

OXFORD · Percebo com prazer que nossa bela rainha e dona ri com as notícias, enquanto Warwick o cenho franze, ao lê-las.

PRÍNCIPE · Vede como Luís se agita e bate com os pés, como picado de alfinete.

Ainda espero que tudo bem nos corra.

REI LUÍS · Warwick, as novidades? Que notícias vós recebestes, bela Margarida?

RAINHA MARGARIDA ·

As minhas são de molde que nos fazem transbordar de alegria o coração.

WARWICK · As minhas me ocasionam só tristezas.

REI LUÍS · É verdade que o vosso soberano desposou Lady Grey? E ora, com o fito de mascarar a falsidade de ambos, me aconselha paciência nesta carta?

É essa a aliança que ele busca em Franca? Pensa que, impune, zombará de nós?

RAINHA MARGARIDA ·

Que tinha eu dito a Vossa Majestade?

Tudo isso vem provar o amor de Eduardo e a singular honestidade de Warwick.

WARWICK · Eu juro, Rei Luís, diante da face do céu, pela esperança que ainda tenho da salvação celeste, que estou isento de culpa neste crime de Eduardo.

Deixou de ser meu rei, pois me desonra,

e a si próprio ainda mais, se consciência pudesse ter da infâmia praticada.

Como pude esquecer-me de que fora muito moço meu pai assassinado pelos da casa de York? De que minha sobrinha foi violada? A real coroa pus-lhe em torno da frente, dos direitos de nascimento destituí Henrique, para me ver, por fim, recompensado com tamanha vergonha? Nele, apenas, recaia o opróbrio, que honra é o que mereço.

Por isso, para reparar minha honra, que Eduardo conspirou, eu me separo dele, agora, e retorno para Henrique. Minha nobre rainha, esquece antigas desavenças, que eu sou daqui por diante, teu servidor fiel. E juro que hei de vingar a afronta feita a Lady Bona e restaurar Henrique no seu trono.

RAINHA MARGARIDA ·

Warwick, essas palavras conseguiram transformar em amor todo o meu ódio. Perdão, e quase esqueço, antigas faltas, e me alegro por ver que te tornaste do Rei Henrique novamente amigo.

WARWICK · E de tal forma amigo, e tão sincero, que se quiser o Rei Luís, acaso, nos fornecer algumas companhias de soldados de prol, eu vos prometo que os desembarcarei nas nossas costas para, com eles, o tirano, à força, do trono derrubar. Nenhuma ajuda lhe pode dar, decerto, a nova esposa.

Quanto a Clarence, como as minhas cartas o anunciam, no ponto ora se encontra de o abandonar, em vista desse enlace determinado mais pela luxúria do que pela honra ou pela segurança, poderio ou defesa da Inglaterra.

BONA · Caro irmão, que vingança poderia ser a de Bona, senão vossa ajuda a esta rainha aflita e desgraçada?

RAINHA MARGARIDA ·

Como será possível, grande príncipe, que Henrique viva, a menos que o libertes do atroz e insuportável desespero?

BONA · A causa da Rainha da Inglaterra se confunde com a minha.

WARWICK · O mesmo eu digo, graciosa Lady Bona: a minha e as vossas não fazem mais do que uma.

REI LUÍS · E a minha, inclusa. Para finalizar, digo que me acho resoluto a vos dar as almeçadas companhias.

RAINHA MARGARIDA · Deixai que, humildemente, eu vos proteste a minha gratidão.

REI LUÍS · Sendo assim, mensageiro da Inglaterra, volta depressa e dize ao falso Eduardo, teu rei suposto, que Luís da França lhe enviará mascarados para o bródio que ele com a nova esposa vão fazer. Ouviste tudo; vai, teu rei espanta.

BONA · Dize-lhe que, esperando que ele fique viúvo dentro de pouco, desde logo vou tecer a guirlanda de salgueiro.

RAINHA MARGARIDA ·

Dize-lhe que eu tirei as vestes pretas e estou pronta a envergar uma armadura.

WARWICK · Dize-lhe que foi grande a sua ofensa; vou destroná-lo, assim, sem mais detença. Eis tua paga; Vai-te.

(Sai o mensageiro.)

REI LUÍS ·

Agora, Warwick, tu e Oxford, e mais cinco mil homens cortareis os mares, para fazerdes guerra ao embusteiro Eduardo. Quando o tempo o ensejar, há de ir a nobre rainha e o príncipe e, com eles ambos, tropa irá de reforço. Mas um ponto desejava que tu me esclarecesses antes de te partires: qual a prova que nos dás de tua firme lealdade?

WARWICK · Para confirmação de minha eterna lealdade, proponho isto, caso a nossa rainha e o moço príncipe concordem: com ele, agora mesmo, a minha filha mais velha eu unirei, minha alegria, pelos laços sagrados do consórcio.

RAINHA MARGARIDA ·

Sim, concordo, e agradeço o vosso alvitre. Filho Eduardo, ela é bela e virtuosa; não hesites, portanto. Dá logo a Warwick a tua mão e, com ela, a morredoira

promessa de que a filha, tão-só, de Warwick poderá vir a ser esposa tua.

PRÍNCIPE · Ela é merecedora; aceito-a, alegre. Como penhor, a minha mão estendo.

REI LUÍS ·

Que esperamos? Importa que aprestemos a expedição. E tu, Lorde Bourbon, nosso grande almirante, vais levá-los em nossa armada. O instante já desejo de ver Eduardo sucumbir na empresa, por ter zombado, assim, de uma francesa.

(Saem todos, exceto Warwick.)

WARWICK · Vim da parte de Eduardo como enviado, as como imigo declarado volto.

Deu-me a incumbência de tratar de enlace matrimonial, mas guerra pavorosa será toda a resposta a seu pedido.

Não podia ele achar outro palhaço?

Pois vou mudar em dor a brincadeira.

Eu sou o que no trono o pus primeiro;

o primeiro serei em derrubá-lo, não tanto porque a Henrique os males suste, mas, antes, por vingar de Eduardo o embuste.

(Sai.)

Ato IV · Cena I

Londres. Um quarto no palácio.

Entram Gloster, Clarence, Somerset, Montague e outros.

GLOSTER · Irmão Clarence, agora me revela tudo o que pensas desse casamento com Lady Grey. A escolha não foi digna?

CLARENCE · Sabeis que muitas milhas nos separam da França. Como fora, então, possível que ele o regresso de Warwick esperasse?

SOMERSET · Ponde fim, meus senhores, à conversa, que o rei já vem chegando.

GLOSTER · Juntamente

com o consorte sabiamente eleita.

CLARENCE · Tenciono ser-lhe franco neste assunto.

(Toque de clarins. Entram o Rei Eduardo e seu séquito, Lady Grey, como rainha; Pembroke, Stafford, Hastings e outros.)

REI EDUARDO ·

Irmão Clarence, que pensais, dissei-me, de nossa escolha? Estais meditando, com jeito assim de meio descontente.

CLARENCE · Acho-me tão contente como Luís da França ou como o Conde de Warwick, ambos tão vazios de juízo e de coragem que nenhuma reação terá o nosso ato.

REI EDUARDO ·

Suponde que se ofendam sem motivo. Eles não passarão de Luís e de Warwick; eu, Eduardo, sou rei de Warwick e vosso; posso fazer o que entender, portanto.

GLOSTER · Certo o podeis, que sois o soberano. Mas raramente em bem redundam núpcias resolvidas assim, de afogadilho.

REI EDUARDO ·

Também, mano Ricardo, te ofendeste?

GLOSTER · De forma alguma.

Deus não consinta que eu separar queira quem Deus soube juntar. Sim, fora pena tirar do jugo um par tão bem formado.

REI EDUARDO · Pondo à parte gracejos e desgostos, dissei-me por que causa não podia Lady Grey se tornar minha consorte e, com isso, Rainha da Inglaterra?

A vós, também, Montague e Somerset, dirijo essa pergunta. Sede francos.

CLARENCE · Direi, pois, o que penso; o soberano da França vai ficar vosso inimigo, por ter sido humilhado neste assunto do pedido da irmã, de Lady Bona.

GLOSTER ·

Considerando-se a incumbência de Warwick, em face deste novo casamento, ficou ele desonrado.

REI EDUARDO · E se eu, acaso, acomodar os dois com alguma traça por mim mesmo inventada?

MONTAGUE · Embora; à vista da nossa situação, a união com a França reforçaria mais nossa república contra ataques de fora do que o possa fazer qualquer enlace entre os de casa.

HASTINGS ·

Mas Montague não sabe que a Inglaterra nada tem a temer se estiver sempre fiel a si própria?

MONTAGUE · Sim, mas ficaria

mais forte se tivesse a França ao lado.

HASTINGS · Mas é melhor servirmo-nos da França do que nela confiarmos. Atenhamo-nos a Deus e ao mar, que ele nos deu, decerto, como barreira sempre intransponível.

Com essa ajuda apenas procuremos defender-nos. A nossa segurança consiste neles; neles e em nós próprios.

CLARENCE · Só por esse discurso se revela Lorde Hastings digno de esposar a herdeira de Hungerford.

REI EDUARDO · A propósito de que isso?

Assim o quis; foi minha a concessão.

Desta vez será lei minha vontade.

GLOSTER · Parece-me, no entanto, que não teve

Vossa Graça razão de dar a herdeira de Lorde Scales para o irmão de vossa

muito extremada esposa. Ela ficara mais de acordo comigo ou com Clarence.

Mas na esposa enterrastes a amizade fraternal.

CLARENCE · Não fora isso, e não terfeis dado a herdeira de Lorde de Bonville a um dos filhos de vossa nova esposa, com o que vossos irmãos se vêm forçados a procurar fortuna noutra parte.

REI EDUARDO ·

Pobre Clarence! Estás tão descontente por não teres esposa? Vou dar-te uma.

CLARENCE · Na escolha que fizestes revelastes

pouco discernimento. Diante disso, quero eu próprio fazer de intermediário

no que me diz respeito. Para tanto, tenciono vos deixar dentro de pouco.

REI EDUARDO ·

É indiferente: parte ou fica. Eduardo deseja ser o rei, não se deixando pear pelos irmãos.

RAINHA ELISABETE · Milordes, antes de ter sido do agrado de Sua Graça levantar-me até o posto de rainha, sede justos comigo, confessando

que eu não era de ignóbil nascimento.

Pessoas mais modestas já tiveram semelhante fortuna. Mas como esse título me honra e aos meus, vossos reparos — muito embora agradecer-vos eu quisesse — minha alegria enublam com a idéia de futuros perigos e desgostos.

REI EDUARDO · Não lisonjeies, querida, a casmurrice.

Que perigo ou desgosto poderiam tocar-te em sorte, enquanto for Eduardo

teu amigo constante e o rei a que eles terão de obedecer? Hão de prestar-me, sim, obediência e amar-te, salvo o caso de quererem ser alvo do meu ódio.

Se é isso o que desejam, terei meios de te amparar contra eles e fazer-lhes sentir quanto é pesada a minha cólera.

GLOSTER (*à parte*) · Tomo nota; não falo, penso apenas.

(*Entra um mensageiro*)

REI EDUARDO · Mensageiro, que cartas ou notícias trazes da França?

MENSAGEIRO · Meu muito acatado soberano, nenhuma carta; poucas palavras, mas são tais que eu não me atrevo a vo-las relatar sem me perdoardes.

REI EDUARDO ·

Fala, nós te perdoamos; mas sê breve.

Repete-me as palavras deles todos com a exatidão possível. Que resposta mandou o Rei Luís a nossas cartas?

MENSAGEIRO ·

Quando eu parti, me deu este recado:

“Volta depressa e dize ao falso Eduardo, teu rei suposto, que Luís de França lhe enviará mascarados para o bródio que ele com a nova esposa vão fazer”.

REI EDUARDO · Luís é tão valente? Ele, decerto, me confunde com Henrique. E Lady Bona, que disse, quando soube do consórcio?

MENSAGEIRO · Eis o que disse, com desdém suave:

“Dize-lhe que, esperando que ele fique viúvo dentro de pouco, desde logo vou tecer a guirlanda de salgueiro”.

REI EDUARDO · Não a censuro; menos não podia dizer: foi a ofendida. Mas, e a esposa de Henrique, que falou? Pois me disseram

que ela estava presente.

MENSAGEIRO · Eis seu recado:
“Dize-lhe que eu tirei as vestes pretas
e estou pronta a envergar uma armadura”.

REI EDUARDO ·
Vejo bem que em tudo isso ela se agrada
do papel de Amazona. Mas à afronta,
que resposta deu Warwick?

MENSAGEIRO · Mais furioso
contra Vossa Grandeza do que os outros,
me despachou, por último, dizendo:
“Dize-lhe que foi grande a sua ofensa;
vou destroná-lo, assim, sem mais detença”.

REI EDUARDO ·
Como! O traidor me ameça desse modo?
Bem, vou armar-me e ficar de sobreaviso.
Terão guerra; a insolência hão de pagar-me.
Mas dize-me uma coisa: Margarida
e Warwick estão amigos?

MENSAGEIRO · Sim, gracioso
soberano, a tal ponto estão ligados
pelos laços do afeto, que uma filha
de Warwick o moço príncipe desposa.

CLARENCE ·
A mais velha, decerto; a outra, Clarence
a terá por consorte. Agora, mano
monarca, passai bem. Senta-te firme,
que eu vou logo pedir em casamento
a outra filha de Warwick, porque, embora
de um trono eu não disponha, não vos seja
no consórcio interior. Sigam-me quantos
a mim e a Warwick forem devotados.

(Sai Clarence; Somerset o segue.)

GLOSTER *(à parte)* ·

Eu não; meu pensamento vai mais longe.

A coroa me prende, não Eduardo.

REI EDUARDO · Clarence e Somerset estão do lado
de Warwick, mas eu me encontro preparado
para enfrentar as piores ocorrências.
É necessário pressa neste aperto.
Pembroke e Stafford, ide aliciar tropas,
em meu nome, e tomai outras medidas
para a guerra. O inimigo já se encontra
nas nossas praias, ou está perto disso.
Sem demora, em pessoa vou seguir-vos.

(Saem Pembroke e Stafford.)

Mas antes de eu sair, Montague e Hastings,
resolvi-me uma dúvida: entre todos,
os mais próximos de Warwick sois vós ambos,
pelo sangue e por laços de consórcio.
Dizei se a Warwick amais mais do que a mim?
Se mo afirmais, ficai do lado dele.
Prefiro ter-vos como meus amigos,
a vos considerar amigos falsos.

Mas se, em verdade, tencionais prestar-me
leal obediência, confirmai-a, agora,
com algum voto amistoso, porque eu nunca,
de modo algum, vos tenha por suspeitos.

MONTAGUE · Deus ajude a Montague, por ser fiel.

HASTINGS ·

E a Hastings, por defender o Rei Eduardo.

REI EDUARDO ·

E vós, irmão Ricardo, estais conosco?

GLOSTER · Contra todos que acaso vos combatam.

REI EDUARDO · Então, tenho certeza da vitória.

Não percamos mais tempo, até que Warwick
com os estrangeiros derrotado fique.

(Saem.)

Ato IV · Cena II

Planície em Warwickshire.

Entram Warwick e Oxford, com tropas francesas e outras.

WARWICK · Milorde, podeis crer: tudo nos corre
pelo melhor; o povo afluí aos bandos.

(Entram Clarence e Somerset.)

Mas eis Clarence e Somerset que chegam.

Dizei depressa: amigos somos todos?

CLARENCE · Nada receeis, milorde.

WARWICK · Então, gentil Clarence, sê bem-vindo
para o partido de Warwick, e bem-vindo
Somerset. Tem de ser, por certo, grande
covardia mostrar-me desconfiado,
depois de nos haver um nobre peito,

com larga mão hipotecado afeto.
 Não fora isso, eu julgara que Clarence,
 por ser irmão de Eduardo, era das nossas
 ações amigo falso. Sê bem-vindo,
 meigo Clarence. Minha filha é tua.
 Que nos resta, senão aproveitarmos
 a proteção da noite, por achar-se
 teu irmão acampado sem medidas
 convenientes, esparsos os soldados
 nas cidades de em torno, tendo apenas
 por escolta uma guarda, para nele
 cairmos de surpresa e aprisioná-lo?
 Nossos espias acham que a aventura
 será fácil. Tal como o astuto Ulisses

e o possante Diomedes, revestidos
 de manha e valentia, conseguiram
 ir à tenda de Reso, de onde os trácios
 fatídicos corcéis arrebatarem:
 nós, assim, sob o manto de caligem
 da noite, poderemos, de surpresa,
 pôr a guarda por terra e apoderar-nos
 de Eduardo. Não sugiro que o matemos;
 meu intuito é somente surpreendê-lo.
 Vós que me acompanhais nessa aventura
 com vosso chefe, alto aclamai: "Henrique!"

(Todos gritam: "Henrique!")

Partamos em silêncio, então. Por Warwick
 e os amigos, por Deus e por São Jorge!

(Saem.)

Ato IV • Cena III

*Acampamento de Eduardo, perto de Warwick.
 Entram sentinelas, para guardar a tenda do rei.*

PRIMEIRA SENTINELA •

Vamos, senhores; todos em seus postos.
 Perto daqui o rei se acha dormindo.

SEGUNDA SENTINELA •

Como! Então não vai ele para o leito?

PRIMEIRA SENTINELA •

Fez ele um voto de jamais deitar-se
 para fruir o natural repouso,
 enquanto não morrer Warwick ou ele.

SEGUNDA SENTINELA •

Então será amanhã o fatal dia,
 se Warwick está tão perto como dizem.

TERCEIRA SENTINELA •

Mas dissei-me, quem é o gentil-homem
 que se acha no interior de sua tenda?

PRIMEIRA SENTINELA •

É Lorde Hastings, o seu melhor amigo.

TERCEIRA SENTINELA •

De fato; mas por que mandou o monarca
 que seus principais chefes pernoitassem
 nas cidades de em torno, ao passo que ele
 na campina gelada pôs a tenda?

SEGUNDA SENTINELA •

Quanto maior o risco, maior a honra.

TERCEIRA SENTINELA •

Muito melhor é calma e dignidade;
 prefiro isso à tal honra perigosa.

Se Warwick adivinhasse o que se passa,
 viria despertar o soberano.

PRIMEIRA SENTINELA •

Salvo se viesse dar em nossas armas.

SEGUNDA SENTINELA •

Sim, qual a causa por que nós guardamos
 a tenda real, senão tão-só a defesa
 do nosso rei, no decorrer da noite?

(Entram Warwick, Clarence, Oxford, Somerset e forças.)

WARWICK • Eis sua tenda; os guardas ali se acham.

Coragem, mestres. Honra, agora, ou nunca.

Acompanhai-me; Eduardo será nosso.

PRIMEIRA SENTINELA • Quem vem lá?

SEGUNDA SENTINELA •

Se não parares, morres.

*(Warwick e os demais, aos gritos de "Warwick!
 Warwick!" atacam as sentinelas, que fogem, gritando: "Às
 armas! Às armas!" Warwick e os demais os perseguem.)*

*(Ao som de trombetas e tambores, tornam a entrar
 Warwick e os demais, trazendo o rei, em trajes de dormir,
 sentado em uma cadeira. Gloster e Hastings fogem
 pelo palco.)*

SOMERSET •

Quem são esses

que vão ali fugindo?

WARWICK · Ricardo e Hastings;
deixai-os ir; o duque está conosco.

REI EDUARDO ·
O duque! A última vez que nos falamos,
chamaste-me de rei.

WARWICK · Sim, mas o caso
mudou bastante. Quando me insultaste
na minha comissão, ao mesmo tempo
ficaste destituído da realeza.

Vim agora criar-te Duque de York.
Como é possível governar um reino
quem não sabe tratar seus emissários,
nem contentar-se com uma só esposa,
nem os irmãos tratar fraternalmente,
nem cuidar do sossego do seu povo,
nem guardar-se dos próprios inimigos?

REI EDUARDO ·
Como! Irmão de Clarence, também te achas
aqui com eles? Vejo, então, que Eduardo
precisa sucumbir. Entretanto, Warwick,
apesar do infortúnio, de teus cúmplices
e de ti próprio, Eduardo vai portar-se
como rei. Muito embora haja a Fortuna
destruído o meu poder, meu pensamento

é maior do que a roda em que ela voa.

WARWICK · Seja, Eduardo, então, em pensamento
Rei da Inglaterra.

(Tira-lhe a coroa.)

Mas de agora em diante
com a coroa ficará Henrique,
rei de verdade; tu, somente a sombra.
Fazei, milorde Somerset, vos peço,
que o Duque Eduardo seja entregue logo
a meu mano, o Arcebispo de York. Após
ter batido Pembroke e seus comparsas,
vos seguirei, para desincumbir-me
do recado de Luís e Lady Bona.
E por enquanto, adeus, bom Duque de York!

REI EDUARDO ·
O homem suporta o que lhe impõe o Fado;
nadar contra a maré, fora escusado.

(O Rei Eduardo é levado preso; Somerset o acompanha.)

OXFORD · Milordas, que nos resta, depois disso,
senão ir para Londres com os soldados?

WARWICK · Sim, é a primeira coisa que devemos
ora fazer, tirar o Rei Henrique
da prisão e repô-lo no seu trono.

(Saem.)

Ato IV · Cena IV

Londres. Um quarto no palácio.

Entram a Rainha Elisabete e Rivers.

RIVERS · Qual a causa, senhora, desta vossa
transformação?

RAINHA ELISABETE · Não sabeis, ainda, mano
Rivers, qual a desgraça acontecida
ao Rei Eduardo?

RIVERS · Perda, certamente,
de algum combate contra o Conde de Warwick?

RAINHA ELISABETE ·
Não só disso; de sua real pessoa.

RIVERS · Morreu meu soberano?

RAINHA ELISABETE ·
Quase morreu: foi feito prisioneiro,
ou fosse por traição da própria guarda,
ou por ataque súbito do imigo.

E, pelo que disseram, foi entregue
ao Bispo de York, irmão do fero Warwick
e inimigo, portanto, de nós todos.

RIVERS · Confesso ser desoladora a nova;
mas revesti-vos de coragem, minha
digna senhora. O vencedor do dia
pode vir a perder toda a alegria.

RAINHA ELISABETE ·
A esperança, até lá, vai sustentar-me.

Aliás, vou resistir contra os efeitos
do desespero, por amor ao filho
de Eduardo, que no ventre eu mexer sinto.

Isso me ensina a refrear os ímpetos
e suportar a crua dos infortúnios.
Sim, só por isso as lágrimas enxugo
e os suspiros abafio, que me secam
todo o sangue, de medo que essas lágrimas

e esses suspiros afogar consigam
ou deixar seco o fruto estremecido
do Rei Eduardo, o herdeiro da coroa.

RIVERS · Mas, que foi feito de Warwick, senhora?

RAINHA ELISABETE ·

Disseram-me que veio para Londres,
para pôr a coroa novamente
na cabeça de Henrique. Tira, agora,
tu próprio a conclusão: os partidários

do Rei Eduardo cairão com ele.
Para fugir da cólera do monstro —
pois não merece fé quem é perjuro —
vou logo recolher-me ao santuário.
Assim, ao menos, fica a salvo o herdeiro
do direito de Eduardo. Ali me deixo
estar, longe da fraude e da violência.
Fujamos, que vem vindo atrás Warwick;
para a onda da violência não há dique.

(*Saem.*)

Ato IV · Cena V

*Um parque, perto do castelo de Middleham, em Yorkshire.
Entram Gloster, Hastings, Sir William Stanley e outros.*

GLOSTER ·

Ora, Sir William Stanley e Lorde Hastings,
não vos espante o haver-vos eu trazido
para o ponto mais denso deste parque.
O caso é este: o nosso rei, meu mano,
está, sabei-lo, aqui; é prisioneiro
do bispo, em cujas mãos tem sempre
bom tratamento e grande liberdade.
Muitas vezes, até, em companhia
de escolta reduzida ele se alonga
por estas redondezas, no desporto
da caçada. Mandei-lhe aviso oculto
de que se, sob o usual pretexto, viesse
mais ou menos a esta hora até onde estamos,
encontraria amigos com cavalos
e criados, para pô-lo em liberdade.

(*Entra Eduardo com um caçador.*)

O CAÇADOR · Milorde, por aqui; o rasto é certo.

REI EDUARDO · Não, rapaz, por aqui; os caçadores

se encontram deste lado. Mano Gloster,
Lorde Hastings e os demais, ficastes perto
para roubar o cervo do arcebispo?

GLOSTER · Irmão, o tempo e o caso exigem pressa;
vosso cavalo está no fim do parque.

REI EDUARDO ·

Para onde iremos?

HASTINGS · Para Lynn, milorde;
lá nos embarcaremos para Flandres.

GLOSTER ·

Bem pensado, realmente; era o meu plano.

REI EDUARDO ·

Hei de recompensar-te o zelo, Stanley.

GLOSTER ·

Não percamos mais tempo; que fazemos?

REI EDUARDO ·

Caçador, que é que dizes: vais conosco?

CAÇADOR · É melhor ir, do que ser enforcado.

GLOSTER · Vamos, então, sem mais falar do caso.

REI EDUARDO ·

Adeus bispo; acautela-te como entono
de Warwick e reza porque eu volte ao trono.

(*Saem.*)

Ato IV · Cena VI

Um quarto na Torre.

*Entram o Rei Henrique, Clarence, Warwick, Somerset,
o jovem Richmond, Oxford, Montague, o tenente da Torre
e outros.*

REI HENRIQUE ·

Mestre tenente, agora que, com a ajuda
de Deus e dos amigos, expulsamos

do trono real Eduardo e convertemos
meu cativo em liberdade, o medo
em esperanças, a tristeza em júbilo,
por nossa remissão qual é tua paga?

TENENTE ·

Aos reis não devem pedir nada os súditos.
Mas se, acaso, uma prece humilde pode
ser de alguma valia, eu suplicara

que Vossa Majestade me perdoasse.

REI HENRIQUE ·

O quê, tenente? O teres-me ensinado bom tratamento? Podes ter certeza de que há de ter a tua recompensa. Transformaste em prazer meu cativoiro. Sim, o prazer que sentem alguns pássaros engaiolados, quando, após tristezas incontáveis, ouvindo as harmonias de canção familiar, esquecem, quase, seus próprios infortúnios. Porém, Warwick, é a ti, depois de Deus, que eu devo esta hora; a ele e a ti agradeço esta outra aurora. Foi ele, o autor; e tu, seu instrumento.

Por isso, por querer dobrar a inveja da Fortuna, vivendo humildemente onde prejudicar-me ela não possa, e mais: para que o povo desta terra bendita não padeça vitupério por minha estrela adversa, embora seja, Warwick, minha a coroa, em ti resigno meu regimento. Sempre foi notória tua estrela na senda da vitória.

WARWICK · Sempre foi Vossa Graça conhecido como virtuoso e pio; agora a prova nos dá de que é tão sábio quanto santo, por espreitar os botes da Fortuna e deles se esquivar. Bem pouca gente sabe, assim, conformar-se com sua estrela.

Mas objetar um ponto me pertence: ser eu o eleito, estando aqui Clarence.

CLARENCE · Warwick, não; tu és digno desse posto.

Ao nasceres, os céus te concederam um ramo de oliveira e uma coroa de lourós, em sinal de que serias venturoso na paz como na guerra.

Dou-te, de grado, o meu consentimento.

WARWICK · Então, vai ser Clarence o protetor.

REI HENRIQUE ·

Warwick, dai-me essa mão; e vós, Clarence, fazei como ele. Agora, juntamente com as mãos os corações deixai unidos, para que nada empane o bem do Estado. Protetores do reino a ambos eu faço, pois desejo viver tranqüilamente e em devoção passar o que me resta de vida, em penitência dos pecados

e sinceros louvores ao Criador.

WARWICK · Que responde Clarence ao que estipula seu soberano?

CLARENCE · Que consente, caso Warwick não se oponha; é em tua boa fortuna que eu repouso.

WARWICK · Então, embora contra a vontade, dou-me por contente.

Juntos trabalharemos, como dupla sombra ao corpo de Henrique sempre juntos, quero dizer: a suportar o peso da governança, a ele cabendo sempre toda a honra, sem trabalho. Ora, Clarence, cumpre que, sem demora, declaremos como traidor Eduardo, e suas terras confiscuemos com tudo o que for dele.

CLARENCE · Vamos tratar também da sucessão.

WARWICK · No que há de ter Clarence a sua parte.

REI HENRIQUE ·

Antes desses assuntos de importância, permiti que vos peça — pois que é certo não ordenar eu nada mais — que a vossa rainha, Margarida, com meu filho façais voltar da França urgentemente.

Enquanto aqui os não vir, horrível dúvida me eclipsará a alegre liberdade.

CLARENCE · Far-se-á isso, meu rei, com toda a urgência.

REI HENRIQUE · Milorde Somerset, quem é esse jovem com quem vos revelais tão cuidadosos?

SOMERSET ·

O moço Henrique, Conde de Richmond.

REI HENRIQUE ·

Vem a mim, esperança da Inglaterra.

(Pondo as mãos sobre a cabeça de Richmond.)

Se os poderes secretos me sugerem a verdade ao espírito profético, este belo menino há de mostrar-se merecedor das bênçãos do país.

No olhar revela branda majestade.

Fez-lhe a cabeça a natureza para suportar a coroa; estas mãos finas para o cetro; ele todo para adorno de um trono real, quando a hora for chegada.

Cuidai, milordes, dele; para todos dele virá mais bem, se me afigura, do que o dano da minha desventura.

(Entra um mensageiro.)

WARWICK · Que novidades há, meu caro?

MENSAGEIRO · Eduardo
conseguiu escapar do vosso irmão:
pelo que ouço, fugiu para a Borgonha.

WARWICK · Desagradáveis novas, em verdade.
Mas como o conseguiu?

MENSAGEIRO · Foi auxiliado
na fuga por Lorde Hastings e Ricardo,
Duque de Gloster, que no mais esconso
da floresta o esperavam e o livraram
dos caçadores, servos do arcebispo,
pois a caçar passava o dia todo.

WARWICK · Foi negligente o mano. Mas tomemos,
meu soberano, logo, as providências,
visando a reparar as conseqüências.

*(Saem o Rei Henrique, Warwick, Clarence,
o tenente e séquito.)*

SOMERSET · Não me agrada, milorde, essa notícia,
pois sem dúvida Eduardo encontra ajuda
por parte de Borgonha, e nós teremos,
muito cedo, outra guerra. Se as palavras
proféticas de Henrique me deixaram
alegre o coração com as esperanças
fundadas em Richmond, receio agora
que possa este conflito ser motivo,
para ele e para nós, de desventuras.
Assim, Lorde Oxford, prevenindo males
maiores, na Bretanha o deteremos,
até que da intestina inimizade
vejamos amainada a tempestade.

OXFORD · Com efeito; se Eduardo for posto
Richmond a vida perderá e o posto.

SOMERSET · Será fatal. Irá para Bretanha.
Quem dos perigos foge, tudo ganha.

(Saem.)

Ato IV · Cena VII

Diante de York.

Entram o Rei Eduardo, Gloster, Hastings e tropas.

REI EDUARDO ·

Agora, irmão Ricardo, Lorde de Hastings
e os demais, a Fortuna se desculpa
conosco de tal forma, que promete
trocar a minha situação precária
pelo trono de Henrique. Duas vezes
o mar atravessamos e trouxemos
o auxílio desejado. Que nos resta
fazer, pois já marchamos desde o porto
de Revenspurg até a estas portas de York,
senão entrar por elas como em nosso
próprio ducado?

GLOSTER · Estão trancadas! Mano,
não me agrada este fato. Quando a gente
tropeça na soleira, é sinal certo
de que o perigo espreita no de dentro.

REI EDUARDO ·

Ora, amigo, os presságios não nos devem
causar medo nesta hora. É necessário
que penetremos, importando pouco
quais os meios para isso. Neste ponto
virão nossos amigos procurar-nos.

HASTINGS · Meu soberano, vou bater de novo
e intimar a que as portas nos franqueiem.

*(Sobre os muros aparecem o prefeito de York e seus
vereadores.)*

PREFEITO · Milordes, já nos tinham prevenido
de vossa vinda; foi por segurança,
tão-somente, que as portas vos fechamos.
Devemos obediência, agora, a Henrique.

REI EDUARDO ·

Mas prefeito, se vosso rei é Henrique,
quando menos, Eduardo é Duque de York.

PREFEITO · É verdade, milorde; reconheço-o.

REI EDUARDO ·

Ora, só o meu ducado é que eu reclamo;
dou-me por satisfeito só com isso.

GLOSTER *(à parte)* ·

Mas se a raposa enfiar a ponta, ao menos,
do nariz, logo passa o corpo todo.

HASTINGS · Ora, Mestre prefeito, por que causa
vacilais desse modo? Abri essas portas;
somos todos amigos do monarca.

PREFEITO · Nesse caso, não ponho mais obstáculos.
(Retira-se dos muros com os vereadores.)

GLOSTER · Fácil de convencer, esse valente!

HASTINGS · Quisera o bom do velho abrir as portas,

mas sem correr perigo. Uma vez dentro,
 não o duvido, encontraremos meios
 de o chamar, e os amigos, à razão.

(Entra o prefeito com os vereadores.)

REI EDUARDO · Mestre prefeito, só durante a noite,
 ou em tempo de guerra, é que estas portas
 devem ficar fechadas. Que é isso, homem?
 Nada de mostrar medo. Dá-me as chaves.

(Toma-lhe as chaves.)

Vai amparar-te Eduardo e aos da cidade,
 bem como a quem o siga com lealdade.

(Entra Montgomery, com tropas.)

GLOSTER · Irmão, este é, se não estou enganado,
 Sir John Montgomery, um provado amigo.

MONTGOMERY · Para ajudar o Rei Eduardo neste
 tempo de tempestade, como a todo
 vassalo fazer cumpre.

REI EDUARDO · Bom Montgomery,
 muito obrigado; mas não nos lembramos,
 neste momento, mais do nosso título
 à coroa. Pedimos, tão-somente,
 nosso ducado, até que a Deus apraza
 dar-nos o resto.

MONTGOMERY · Então, em paz vos deixo.
 Vim servir a um monarca, não a um duque.
 Tocai, tambores!

REI EDUARDO · Não; ficai, Sir John,
 mais um momento, até que conversemos
 sobre o modo mais certo de voltarmos
 à posse da coroa.

MONTGOMERY · Por que causa
 falais em conversar? Em termos simples:
 se, neste instante, não vos proclamardes
 nosso rei, abandono-vos à vossa
 fortuna e vou impedir que vos ajudem
 quantos ora pretendem socorrer-vos.
 Por que lutar, se nada pretendeis?

GLOSTER ·

Realmente, irmão, por que tamanho escrúpulo?

REI EDUARDO ·

No instante em que mais forte nos tornamos,

a coroa de novo será nossa.

Manda a prudência que, até lá, calemos.

HASTINGS ·

Nada disso! O que manda, agora, é a espada.

GLOSTER · Quem não vacila, alcança cedo o trono.
 Irmão, vamos tratar, já já, do caso,
 proclamando-te rei. Quando a notícia
 se espalhar, afluirão muitos amigos.

REI EDUARDO ·

Seja como o dizeis, que é meu direito;
 Henrique usurpa, apenas, o diadema.

MONTGOMERY · Agora, sim falou meu soberano;
 eu volto a ser o campeão de Eduardo.

HASTINGS · Soem trombetas, que vai ser Eduardo
 proclamado aqui mesmo. Camarada,
 lê a proclamação.

(Entrega um papel a um dos soldados.)

SOLDADO (lê) · “Eduardo quarto, pela graça de
 Deus Rei da Inglaterra e da França e senhor da
 Irlanda, etc.”

MONTGOMERY ·

Quem contestar o título de Eduardo,
 contra meu guante não terá resguardo.

(Joga a luva.)

TODOS · Viva Eduardo quarto!

REI EDUARDO ·

Bravo Montgomery, obrigado. A todos
 digo o mesmo. Ajudando-me a Fortuna,
 saberei retribuir essa bondade.

Já que é noite, durmamos aqui mesmo.
 Quando o sol da manhã trouxer o carro
 na linha do horizonte, marcharemos
 em busca de Warwick e de seus comparsas,
 sim, porque Henrique, eu sei, não é soldado.

Ah, Clarence teimoso, como é feio
 deixar o irmão e lisonjear Henrique!
 Mas hei de vos achar de qualquer jeito.
 Vamos, soldados! Vai ser nosso o dia.

Venceremos; será grande a alegria.

(Saem.)

Ato IV • Cena VIII

Londres. Um quarto no palácio.

Toque de clarins. Entram o Rei Henrique, Warwick, Clarence, Montague, Exeter e Oxford.

WARWICK • Milorde, que fazer? Voltou Eduardo da Bélgica com tropas de ligeiros alemães e pesados holandeses, passou seguramente o braço estreito e ora em marcha vem vindo para Londres. Muita gente leviana se lhe agrega.

OXFORD • Juntemos gente para o repelirmos.

CLARENCE • Fogo pequeno é fácil de pisar; mas, com o tempo, nem rios o sufocam.

WARWICK • Em Warwickshire tenho amigos certos, fiéis em tempo de paz, bravos na guerra; vou reuni-los. E tu, filho de Clarence, procura estimular os gentis-homens e cavaleiros de Suffolk, Norfolk e Kent, para que venham reforçar-nos. Tu em Leicestershire, irmão Montague, Buckingham e Northampton, heis de muitos homens achar dispostos à obediência. E tu, Oxford valente, em Oxfordshire, maravilhosamente idolatrado como és, heis de aliciar os teus amigos.

Meu soberano, neste meio-tempo, cercado por seus súditos amados, como se acha esta ilha pelo oceano ou pelas ninfas a pudica Diana, em Londres ficará, até que eu retorne.

Despedi-vos, milordes, sem fazerdes objeções. Passai bem, meu soberano.

REI HENRIQUE •

Passai bem, meu Heitor, minha de Tróia verdadeira esperança.

CLARENCE • Em testemunho de lealdade, eu vos beijo a mão, Alteza.

REI HENRIQUE • Meu bondoso Clarence, sê feliz.

MONTAGUE • Sede forte, meu príncipe; até à vista.

OXFORD (*beijando a mão de Henrique*) •

Selo a minha lealdade e me despeço.

REI HENRIQUE •

Querido Oxford, Montague muito amado, a todos vós, mais uma vez: adeus.

WARWICK • Em Coventry, milordes, nos veremos.

(*Saem todos, menos o Rei Henrique e Exeter.*)

REI HENRIQUE •

Descansarei neste palácio uns dias.

Que pensa Vossa Senhoria, primo de Exeter? Quero crer que toda a força de Eduardo não resiste ao nosso embate.

EXETER • Sim, se os nossos para ele não passarem.

REI HENRIQUE •

Não tenho medo disso, que meu mérito me granjeou alta fama entre os soldados.

A seus apelos nunca fiz ouvidos de mercador, nem dilatei respostas a quanto me impetrassem. A piedade que me é própria curou-lhes as feridas; para muitas agruras foi-lhes bálsamo minha bondade. Fazendo uso apenas da clemência, sequei-lhes muitas lágrimas; não cobicei jamais quanto possuem, nem lhes impus impostos excessivos.

Também nunca tomei vingança à pressa, por mais que eles errassem. Por que causa hão de mostrar mais afeição a Eduardo? Não, Exeter; com o bem o bem se paga. Quando o leão fez carícias ao cordeiro, não deixa este, jamais, de acompanhá-lo.

(*Aclamações, fora: "Viva Lencastre!"*)

EXETER • Ouvi, milorde, ouvi! Que será isso?

(*Entram o Rei Eduardo, Gloster e soldados.*)

REI EDUARDO •

Prendei Henrique, o tímido, e levai-o logo daqui. De novo proclamai-me Rei da Inglaterra. A fonte originária sois vós, que alimentais muitos regatos. Agora vai secar tua nascente; meu mar vai absorvê-los e tornar-se, com suas águas, mais inchado, ainda. Levai-o para a Torre, sem lhe dardes mais tempo de falar.

(*Saem alguns soldados com o Rei Henrique.*)

Ora, milordes,

a Coventry nos vamos, onde se acha Warwick, o preemptório. O sol escalda; se demormos, a mordente geada

do inverno nosso feno deixa em nada.

GLOSTER · Não devemos deixar que eles se reúnam.
Apanhemos o grande e perigoso

traidor desprevenido. Valorosos
guerreiros, para Coventry. Depressa!

(*Saem.*)

Ato V · Cena I

Coventry.

Aparecem sobre os muros Warwick, o prefeito de Coventry, dois mensageiros e outras pessoas.

WARWICK · Onde se acha o correio que nos veio
do valoroso Oxford? A que distância,
meu caro amigo, o teu senhor se encontra?

PRIMEIRO MENSAGEIRO ·

Em Dunsmore, em caminho para cá.

WARWICK ·

E a que distância se acha o irmão Montague?

Onde está o correio de Montague?

SEGUNDO MENSAGEIRO ·

Em Daintry, com reforços excelentes.

(*Entra Sir John Somerville.*)

WARWICK · Somerville, que disse o amado filho?

Onde calculas que Clarence esteja?

SOMERVILLE ·

Em Southam o deixei com suas forças;
espero-o aqui por estas duas horas.

(*Ouve-se rufo de tambores.*)

WARWICK ·

Clarence vem chegando; ouço tambores.

SOMERVILLE · Não pode ser, milorde; Southam fica
deste lado. Vem de Warwick o barulho
de tambores ouvido por Vossa Honra.

WARWICK · Quem pode ser? Alguns amigos, certo.

SOMERVILLE · Já ficareis sabendo; estão chegando.

(*Entram o Rei Eduardo, Gloster e tropas.*)

REI EDUARDO · Vai para os muros, trombeteiro, e chama
para parlamentar.

GLOSTER · O rabugento

Warwick já está dentro da muralha!

Olhai ali.

WARWICK · Oh caso inesperado!

O folgazão Eduardo com seus homens!

Nossos espias onde se acham? Como
foram comprados, para que de todo
nos escapasse a nova da chegada?

REI EDUARDO ·

Estás disposto, Warwick, a abrir as portas,
usar boas palavras e, humilde,
dobrar os joelhos? A chamar Eduardo
de rei e lhe implorar misericórdia?

WARWICK · Antes, retirarias essas tropas.

Reconheces quem teve forças para
te pôr no trono e dele derrubar-te?

Mostra-te penitente, a Warwick chama
teu protetor, e serás Duque de York.

GLOSTER · Pensei que ele dissesse rei, ao menos.

Brincadeira, talvez, involuntária?

WARWICK · Um ducado não é belo presente?

GLOSTER · Mormente quando o doador é um conde
sem recursos. Servir-te eu desejara
para ganhar presentes tão valiosos.

WARWICK · Por isso a teu irmão eu dei um reino.

REI EDUARDO ·

Então é meu, embora seja um mimo.

WARWICK · Não és Atlante para um peso desses.

Por fraco seres, Warwick to retoma.

Meu rei é Henrique; Warwick é seu vassalo.

REI EDUARDO ·

Mas é meu prisioneiro o rei de Warwick.

Ora, meu galante Warwick, me responde
isto somente; que acontece ao corpo,
quando falta a cabeça?

GLOSTER · Ah, ter faltado

a Warwick previsão! Enquanto estava
pensando em se apossar de um simples dez,
o rei lhe foi tirado do baralho.

Deixaste o pobre Henrique no palácio
do bispo; agora aposto dez contra um
como te encontrarás com ele na Torre.

REI EDUARDO ·

Disse a verdade; e tu és ainda Warwick.

GLOSTER · Aproveita a ocasião, Warwick, ajoelha-te,
ajoelha-te! Ah! Não queres? Malha o ferro,
enquanto é tempo; do contrário, esfria.

WARWICK · Preferira esta mão cortar de um golpe e com a outra ao teu rosto arremessá-la, a me humilhar, em tão indigna viagem, amainando-te a vela.

REI EDUARDO · Então viaja como puderes, tendo por amigos os ventos e a maré, que esta mão forte te pegará pelos cabelos negros como carvão — no tempo em que a cabeça, ainda quente, cortada te houver sido — para escrever na poeira, com teu sangue, esta sentença: Warwick, o catavento, já não pode mudar de direção.

(Entra Oxford, com soldados, tambores e bandeiras.)

WARWICK · Alegres cores! Vede que Oxford chega!

OXFORD · Oxford, Oxford, por Lencastre!

(Oxford entra na cidade, com as tropas.)

GLOSTER · Aproveitemos para entrar com eles.

REI EDUARDO · Outras forças imigas poderiam tomar-nos pelas costas. Não; fiquemos em boa ordem, que eles, certamente, hão de voltar e oferecer batalha.

Se não, já que a cidade não se agüenta, castigaremos logo esses traidores.

(Entra Montague, com soldados, bandeiras e tambores.)

MONTAGUE · Montague, Montague, por Lencastre!

(Montague entra na cidade, com as tropas.)

GLOSTER · Vós dois me pagareis essa traição com o sangue mais precioso que tiverdes.

REI EDUARDO · Quanto maior a luta, maior glória. Presságio vitória e espólio opimo.

(Entra Somerset, com soldados, bandeiras e tambores.)

SOMERSET · Somerset, Somerset, por Lencastre!

(Somerset entra na cidade, com as tropas.)

GLOSTER · Duas pessoas de teu nome, duques, ambos, de Somerset, pagaram caro, com a vida, a oposição à casa de York. Serás mais um, se eu não quebrar a espada.

(Entra Clarence, com soldados, tambores e bandeiras.)

WARWICK · Vede que chega Jorge de Clarence com poder suficiente para em campo contra o irmão se atrever. O zelo à causa da justiça a tal ponto é sublimado, que sobrepuja nele o amor fraterno.

Vem Clarence! Virás; Warwick chama.

CLARENCE · Pai Warwick, compreendes o que é isto?

(Arrancando do chapéu a rosa vermelha.)

Jogo-te a minha infâmia; não arruino a casa de meu pai, que deu o sangue para firmar as pedras, trabalhando por levantar Lencastre. Então, pensavas, Warwick, que Clarence tão grosseiro fosse, e desnaturado, tão sem luzes, que quisesse virar a fatal arma da guerra contra o irmão, seu soberano legítimo? Talvez queiras lembrar-me da jura sacrossanta por mim feita. Mas respeitar o voto, no meu caso, fora ficar mais impiedoso ainda do que Jefté ao imolar a filha.

A tal ponto lamento o meu passado, que para às boas me tornar, de novo, com meu irmão, declaro-me aqui mesmo teu mortal inimigo, resolvido, onde quer que te encontras — sim, que é certo encontrar-te, se vieres para fora — a te dar o castigo que mereces por vilmente me haveres transviado.

Por causa disso tudo, vaidoso Warwick, lanço-te um desafio e volto as faces ruborizadas para o irmão querido. Eduardo, esquece, que hei de corrigir-me.

E tu, Ricardo, não te mostres ríspido por causa dos meus erros, que eu prometo não ser mais inconstante no futuro.

REI EDUARDO · És bem-vindo e dez vezes mais amado do que se nunca houvesse merecido todo o meu ódio.

GLOSTER · Bravo, bom Clarence! Isso é que é ser irmão!

WARWICK · Perjuro, injusto, traidor sem semelhante!

REI EDUARDO · Warwick, então, saís da cidade e vens lutar, ou queres que te atiremos pedras às orelhas?

WARWICK · Ai de mim! Ai! Não me acho preparado para a defesa. Sem demora sigo para Barnet, a fim de oferecer-te batalha, Eduardo, caso a isso te atrevas.

REI EDUARDO ·

Pois não, Warwick; Eduardo a isso se atreve. Vou mostrar-te o caminho. Para o campo, milordes! A vitória, por São Jorge!

(Marcha. Saem.)

Ato V · Cena II

Campo de batalha perto de Barnet. Alarma. Movimento de tropas.

Entra o Rei Eduardo, trazendo Warwick ferido.

REI EDUARDO · Fica aí; morreu tu e o nosso medo, que Warwick era o espantinho de nós todos. E tu, Montague, senta-te bem firme; vou procurar-te, para que teus ossos possam ficar junto com os ossos de Warwick.

(Sai.)

WARWICK ·

Há alguém perto? Inimigo ou partidário, venha dizer-me quem ganhou o dia, Warwick ou York? Mas por que pergunto? Este sangue, este corpo mutilado, tanta fraqueza, o coração sem forças provam que à terra eu devo dar o corpo e a vitória, com isso, aos inimigos. Assim cede ao machado o cedro altivo, cujos braços já deram gasalhado à águia real, a cuja sombra vinha dormir o forte leão, e que vencia na altura a copa da árvore de Júpiter e protegia os tímidos arbustos dos inverniais e assoladores ventos. Estes olhos, que o véu da Morte empana, já foram tão agudos quanto os raios do sol do meio-dia, no propósito de devassar as mais escuras tramas. Estes sulcos da fronte, ora com sangue, já foram muitas vezes comparados a sepúlcros de reis. Onde existia monarca, cuja cova eu não pudesse cavar a meu talante? Quem sorria, quando Warwick franzia o sobrecenho? Ora se encontra minha glória suja de terra e sangue. Meus jardins, meus parques,

meus senhorios todos me abandonam, só me ficando de tão largas terras o comprimento exato do meu corpo. Que vale a pompa e o reino? Terra e poeira. Do nada, certo, a Morte é a grande obreira.

(Entram Oxford e Somerset.)

SOMERSET · Ah, Warwick, se estivesses como nós estamos, depressa ganharíamos tudo quanto perdemos. A rainha trouxe da França poderoso exército; soube-o agora. Ah! Se tu fugir pudesses!

WARWICK · Então, não fugiria, bom Montague. Caro irmão, se estiveres aqui perto, a mão me toma e com teus lábios prende mais um pouco minha alma. Tu não me amas; se me amasses, irmão, com tuas lágrimas lavarias o sangue congelado que estes lábios me cola e quem me tolhe completamente a fala. Vem depressa, Montague! Do contrário, estarei morto.

SOMERSET ·

Ah, Warwick, ao seu fim chegou Montague. Até o último alento ele bradava por Warwick, dizendo: “Recomenda-me ao meu valente irmão”. E mais ainda diria, se pudesse falar mais. Mas, tal como clamor numa caverna, era tudo indistinto. Finalmente, compreendi, balbuciado entre suspiros: “Adeus, Warwick, adeus!”

WARWICK ·

Que sua alma em paz repouse. Fugi, lordes; salvai-vos, porque Warwick se despede. Ver-nos-emos no céu.

(Morre.)

OXFORD · Vamos, vamos ao encontro das forças da rainha!

(Saem, levando o corpo de Warwick.)

Ato V · Cena III

Outra parte do campo.

Rebate. Entra o Rei Eduardo, em triunfo, com Clarence, Gloster e outros.

REI EDUARDO · Não cessou de subir nossa fortuna; enfeitam-nos os louros da vitória.

Mas no esplendor deste irradiante dia percebô nuvem negra e duvidosa que ameaçadoramente se dirige ao sol da nossa glória, antes que a oeste se possa ele deitar no leito calmo.

Quero dizer, milordes, que essas forças que a rainha nas Gálias aliciou já estão desembarcadas, parecendo que vêm ao nosso encontro para a luta.

CLARENCE · A menor brisa há de fazer que logo se disperse essa nuvem, obrigando-a

a voltar para o ponto de partida.

Absorverão teus raios os vapores.

Nem toda nuvem gera tempestades.

GLOSTER · Avalia-se em trinta mil soldados a força da rainha. Vem com ela Oxford e Somerset. Se tempo lhe deixarmos para que tome fôlego, é certeza vir a ficar tão forte quanto nós.

REI EDUARDO · Amigos fiéis nos avisaram que eles marcham para Tewcksbury. Já que estamos em Barnet vitoriosos, sem demora sigamos para lá, porque a alegria nos encurta o caminho, sobre termos certeza de aumentar o contingente de tropas nas regiões por que passarmos. Tocai tambores! Vamos! Sem desânimo!

(Rebate. Saem.)

Ato V · Cena IV

Planície perto de Tewcksbury.

Marcha. Entram a Rainha Margarida, o Príncipe Eduardo, Somerset, Oxford e soldados.

RAINHA MARGARIDA ·

Grandes lordes, os sábios nunca param para chorar as perdas, mas procuram repará-las com ânimo disposto.

O mastro se quebrou? Partiu-se a amarra?

Perdeu-se a âncora e as ondas já tragaram

metade dos marujos? Mas ainda

vive o piloto. É crível que ele possa

soltar o leme e, como um rapazinho

cheio de medo, com as próprias lágrimas

dos olhos marejados, a água aumente

do mar e dê mais força ao que já mostra

força excessiva, ao tempo em que o navio

vai de encontro ao rochedo e se espedaça,

mau grado seus gemidos, quando fora

fácil, com decisão, salvar o barco?

Que vergonha, senhores, e que falta

fora tal coisa! Bem; dizeis-me que Warwick

era uma âncora. E depois? Montague,

o nosso mastaréu. Que importa? Nossos

amigos mortos, os calabres rotos.

Que tem isso? em Oxford, não possuímos uma âncora tão boa, e mais, não temos em Somerset um mastro resistente?

Nos amigos da França ovéns e enxárcias?

E nós, por mais bisonhos que sejamos,

eu e o Ned, não teremos, porventura,

capacidade para dirigirmos,

ao menos uma vez, o leme? É quase

certo que não o deixáramos, fugindo,

esfeitos em lamentos; prosseguíramos

em nossa rota, muito embora os ventos

dissessem “não”, por entre os arrecifes

e as pedras ameaçadoras de naufrágio.

Tanto vai repreender as ondas bravas,

como falar-lhes brando. Que é Eduardo

senão um mar em fúria e sem piedade?

E Clarence, esse banco movediço

de astúcias? E Ricardo, a fatal rocha

que se levanta a pique? Estes são todos

os que ameaçam nosso pobre barco

Alegais que podeis nadar. Mas quanto

tempo resistiríeis? Que na areia

poderíeis marchar. Mas afundáreis nos primeiros momentos. Que seria fácil galgar a rocha. Mas as ondas vos iriam buscar, ou morreríeis de inanição, o que é morrer três vezes. Digo-vos isso, lordes, porque todos possais ver que, no caso de quererdes fugir de nós, encontraríeis tanta piedade nos irmãos como nas ondas insensíveis, nas rochas ou na areia. Coragem, pois! Fora infantil fraqueza temer ou lamentar o inevitável.

PRÍNCIPE · Uma mulher de tão valente espírito, quero crer, infundira tanto brio no peito de um covarde que a escutasse, que, embora nu, enfrentaria um homem armado e o derrubara. Não digo isso por duvidar de algum dos que aqui se acham, porque se eu suspeitasse que um medroso existisse entre nós, lhe franquearia permissão para se ir, enquanto é tempo, porque na situação em que ora estamos não fosse ele infectar outra pessoa, emprestando-lhe a própria covardia. Se for o caso — Deus tal não permita! — saia, enquanto não foi por nós chamado.

OXFORD · Mulheres e crianças dando o exemplo de tal coragem, e os guerreiros fracos! Fora eterna vergonha. Oh bravo príncipe! O teu famoso avô em ti revive. Possas ter vida suficiente para renovar-lhe a figura e a glória imensa.

SOMERSET · Quem não quiser lutar por um rebento como este, esperançoso, vá depressa para a cama, e, no jeito de coruja durante o dia, caso se levante, seja objeto de espanto e de galhofa.

RAINHA MARGARIDA · Oxford gentil, muito obrigada; caro Somerset, obrigada.

PRÍNCIPE · Só vos posso, por enquanto, dizer essa palavra.

(Entra um mensageiro.)

MENSAGEIRO · Preparai-vos; Eduardo vem chegando para lutar. Mostrai-vos resolutos.

OXFORD · Já o esperava, por ser sua política apressar-se e tomar-nos de surpresa.

SOMERSET · Mas engana-se; estamos preparados.

RAINHA MARGARIDA · Sinto o peito animar-se-me, escutando vossos altos propósitos.

OXFORD · Fiquemos aqui mesmo e tomemos posição.

(Marcha. Entra, a distância, o Rei Eduardo, Clarence, Gloster e tropas.)

REI EDUARDO · Caros amigos, ali se acha o bosque de espinheiros que deve ser cortado pela raiz antes que baixe a noite, se Deus nos ajudar e vos der força. Sei que não necessito pôr mais lenha em vosso fogo, pois ardeis, há muito, por os queimar. Vamos, milordes; a eles! Mandai tocar logo o sinal de ataque.

RAINHA MARGARIDA · Milordes, cavaleiros, gentis-homens, quanto eu desejo vos dizer as minhas lágrimas o desmentem, pois a cada vocábulo que eu emito, bem o vedes, bebo a água destes olhos. Por tudo isso, direi somente; o vosso soberano se encontra prisioneiro do inimigo; o trono está ocupado; em matadouro se encontra transformado todo o reino; seu povo, massacrado; os estatutos, violados; esbanjado todo o erário. Eis o lobo fautor de toda a ruína. Em nome, pois, de Deus sede valentes. Tocai logo o sinal para o combate.

(Saem os dois exércitos.)

Ato V • Cena V

Outra parte do campo.

Alarma. Movimento de tropas; depois, retirada. Aparecem, então, o Rei Eduardo, Clarence, Gloster e tropas, com a Rainha Margarida, Oxford e Somerset, prisioneiros.

REI EDUARDO • Eis o termo de lutas tumultuosas. Para o castelo de Hames levai Oxford depressa. Quanto a Somerset, cortai-lhe a cabeça culposa. Retirai-os daqui; não quero ouvi-los dizer nada.

OXFORD • Não te incomodarão minhas palavras.

SOMERSET • Nem as minhas; aceito o meu destino.

(Saem Oxford e Somerset, escutados.)

RAINHA MARGARIDA •

Assim nos separamos neste vale de lágrimas, confiantes de que ainda nos veremos na doce e idolatrada Jerusalém.

REI EDUARDO • Dizei: foi proclamado que quem achar Eduardo ganha boa recompensa e que a vida ele não perde?

GLOSTER •

Sim, foi; mas vede; eis chega o moço Eduardo.

(Entram soldados com o Príncipe Eduardo.)

REI EDUARDO • Trazei o bravo; ouçamo-lo falar.

Como! Espinho, assim jovem, pica tanto?

Que explicações, Eduardo, ora tencionas apresentar, por teres rebelado

meus súditos, pegado em armas, dado motivo, enfim, a tantos dissabores?

PRÍNCIPE • Fala como vassalo, York ambicioso.

Imagina que em mim fala meu pai.

Resigna o trono e vem dobrar o joelho.

onde eu me encontro, que eu, traidor infame, te farei a pergunta que me fazes.

RAINHA MARGARIDA •

Ah, se fosse teu pai tão decidido!

GLOSTER • Trarias, ainda, vestes femininas, sem que as calças roubasses a Lencastre.

PRÍNCIPE • Esopo, deixa os contos para as noites de inverno; no lugar em que ora estamos não ficam bem charadas duvidosas.

GLOSTER • Pelo céu, vais pagar-me isso, fedelho.

RAINHA MARGARIDA •

Nascestes para ser peste dos homens.

GLOSTER • Levai esta cativa rabugenta!

PRÍNCIPE • Não; levai o corcunda rabugento!

REI EDUARDO •

Quieto, pirralho, ou te adormeço a língua.

CLARENCE • Rapaz mal educado, és insolente.

PRÍNCIPE •

Conheço o meu dever; mas vós sois todos desobedientes. Impudico Eduardo,

e tu, Jorge perjuro, e tu, corcunda,

Dick desengonçado, a todos digo que eu sou superior, e vós, traidores.

Tu a meu pai e a mim roubaste o trono.

REI EDUARDO • Toma isto, cópia desta injuriadora!
(Apunbala-o.)

GLOSTER • Ainda estrebuchas? Pára essa agonia.

(Apunbala-o.)

CLARENCE • Isto é por me chamares de perjuro.

(Apunbala-o.)

RAINHA MARGARIDA • Ah! Matai-me também!

GLOSTER • Pois não! E já!

(Faz menção de matá-la.)

REI EDUARDO • Pára, Ricardo! Já fizemos muito.

GLOSTER • Por que viver, para inundar o mundo com palavras?

REI EDUARDO • Que vejo! Desmaiou?

Empregai meios para reanimá-la.

GLOSTER • Desculpa-me, Clarence, junto ao mano, meu rei. Vou para Londres, em negócio de muita urgência. A nova há de alcançar-vos antes de lá chegardes.

CLARENCE • Que é que há?

GLOSTER • A Torre! A Torre!

(Sai.)

RAINHA MARGARIDA •

Oh Ned, meu doce Ned! Meu bem! Menino, fala à tua mãe! Não podes? Oh, traidores!

Assassinos! Nenhum sangue verteram os que César no foro apunhalaram, ofensa não fizeram, não merecem censura alguma, caso comparemos esta monstruosa ação ao crime deles.

Era homem César: este, comparado com ele, uma criança. Nenhum homem jamais volve o furor contra uma criança. Qual o nome pior que o de assassino? Sinto que o coração se me arrebenta por eu querer falar. Mas pouco importa: vou falar, ainda mesmo que ele estoure. Carniceiros, bandidos, sanguinários canibais! Que mimosa plantazinha brutalmente cortastes ante tempo! Não tendes filho, monstros; se os tivésseis, sua lembrança vos teria feito sentir remorsos. Mas se em qualquer tempo vos nascer algum filho, ficai certos de que em botão ele será pisado, tal como vós, carrascos, acabastes de fazer com este príncipe tão meigo!

REI EDUARDO · Levai-a logo, usando, até, de força.

RAINHA MARGARIDA · Não me tires daqui; mata-me logo. Desembainha a espada; eu te perdoo minha morte. Que é isso? Não me atendes? Então, Clarence, vem, aceita o encargo.

CLARENCE · Pelo céu! Não te dou tão grande alívio.

RAINHA MARGARIDA · Atende-me, Clarence! Bom Clarence, não me recuses isso.

CLARENCE · Não ouviste como eu jurei que não te mataria?

RAINHA MARGARIDA · Ouvir; mas és perjuro por ofício. Isso antes era crime; hoje seria ato de caridade. Então, não queres? Onde está o açougueiro do demônio, o disforme Ricardo? Vem, Ricardo! Ricardo, onde te encontras? Já te foste? No entretanto, ao teu ver, tirar a vida é conceder esmola. Nunca mandas de mãos vazias os que pedem sangue.

REI EDUARDO · Já vos disse: levai-a daqui logo!

RAINHA MARGARIDA · A vós e aos vossos toque em sorte o mesmo que aconteceu ao meu fanado príncipe.

(É levada à força.)

REI EDUARDO · Para onde foi Ricardo?

CLARENCE · Foi à pressa para Londres, cuidar, segundo penso, na Torre, de uma ceia sanguinária.

REI EDUARDO · Não perde tempo, quando alguma idéia se lhe aninha no cérebro. Despede nossos homens, depois de agradecer-lhes e lhes ter pago o soldo, que nós vamos para Londres em busca de notícias de nossa amada esposa. Penso que ela, por este tempo, me haja dado um filho.

(Saem.)

Ato V · Cena VI

*Londres. Um quarto na Torre.
Aparece o Rei Henrique, com um livro na mão; junto dele se acha o tenente. Entra Gloster.*

GLOSTER · Bom dia, é o que eu desejo. Como! Preso com tamanha atenção ao vosso livro?

REI HENRIQUE · Sim, meu bom lorde... Não, milorde apenas. Adular é pecado. “Bom” seria menor erro: “Bom Gloster” ou “bom diabo” se equivalem; são ambos contra o senso. Por tudo isso não direi “bom Gloster”.

GLOSTER · Deixa-nos sós; preciso conversá-lo.

(Sai o tenente.)

REI HENRIQUE · Assim foge do lobo o negligente pastor; assim a ovelha inofensiva primeiro entrega a lâ, para a garganta apresentar depois ao carnicheiro. Qual é a cena de morte que pretende Roscius representar neste momento?

GLOSTER · O espírito culpado abriga sempre suspeita. Em cada moita o ladrão pensa que se esconde um soldado.

REI HENRIQUE · O passarinho
que já caiu no visgo, receoso
vê perigo nas moitas por que passa.
Sendo eu o pobre pai de um tão mimoso
passarinho, ante os olhos ora tenho
o instrumento fatal que o meu menino
prende, tolheu com o visgo e deixou morto.

GLOSTER · Que tolo impertinente foi aquele
cretense, quando ao filho quis o ofício
das aves ensinar. Mas não lhe foram
as asas de proveito, que o pateta
acabou mesmo perecendo na água.

REI HENRIQUE ·
Eu, Dédalo; meu filho foi outro Ícaro;
Minos, teu pai, que nos cortou o caminho,
o sol que derreteu as frágeis asas
ao meu querido filho; tu e Eduardo,
teu irmão, sois o mar, cujos abismos
invejosos a vida lhe tragaram.

Tira-me a vida logo com tua espada,
não com palavras, que este peito muito
mais facilmente teu punhal suporta
do que os ouvidos essa história trágica.
Mas por que vieste? Foi para matar-me?

GLOSTER ·
Pensas que eu seja, acaso, algum carrasco?

REI HENRIQUE ·
Que és um perseguidor, tenho certeza.
Se matar inocentes for o mesmo
que executar, carrasco és tu, também.

GLOSTER · Matei teu filho por sua insolência.

REI HENRIQUE ·
Se te houvessem matado, logo quando
deste a primeira prova de insolência,
não terias vivido para a vida
tirares a meu filho. Profetizo,
portanto, que milhares de pessoas
que não têm nem suspeita dos receios
que me abalam, suspiros incontáveis
de viúvas e de velhos, muitos olhos
banhados pelo pranto de orfãozinhos,
pais que perderam filhos, desgraçadas
esposas sem marido, miseráveis
crianças cujos pais morreram cedo,
a hora amaldiçoarão em que nasceste.
A coruja piou, sinal de agouro;
gritou a gralha noturna, pressagiando
época de desgraça; os cães uivaram;

tempestade medonha pôs na terra
árvores da floresta; o corvo, no alto
da chaminé, grasnou; as pegas gárrulas
cantaram num terrível desconcerto;
tua mãe sentiu dores mais que humanas,
para dar, afinal, à luz mesquinhas
esperanças: um monstro deformado,
fruto indigno de uma árvore tão boa.
Já nasceste com dentes, sinal certo
de que mordendo o mundo viverias.
E se o resto que ouvi for verdadeiro,
vieste...

GLOSTER · Mas não desejo ouvir. Morre, profeta,
no teu discurso.

(Apunbala-o.)

Fui também fadado
para fazer o que te faço agora.

REI HENRIQUE ·
E para muitos outros crimes, ainda.
Possa Deus absolver-me e perdoar-te.

(Morre.)

GLOSTER ·
Como! O sangue ambicioso dos Lencastres
cai para o chão? Pensei que se elevasse.
Vede como esta espada está chorando
o trespasso de um pobre soberano!
Possam sempre correr essas purpúreas
lágrimas dos que a ruína maquinarem
de nossa casa. Se ainda remanesce
qualquer centelha viva, para o inferno,
para o inferno vai logo, e comunica
que eu sou o que te envie.

(apunbala-o de novo.)

eu, que não tenho
piedade e desconheço o amor e o medo.
Sim, é verdade tudo quanto Henrique
disse de mim, que muitas vezes, lembra-me,
me contou minha mãe que eu vim ao mundo
com as pernas para a frente. Não me assiste
razão — que pensais disso? — de mostrar-me
diligente em causar a ruína a quantos
procurem usurpar nosso direito?
A parteira espantou-se; prorromperam
as mulheres em grita: “Deus nos valha!
Nasceu com dentes!” E assim foi, de fato,
prova segura de que eu rosnaria,
morderia, e seria em tudo um cão.
Já que me fez o céu assim disforme,

torça-me o inferno o espírito também.
 Não tenho irmãos; de irmão sou diferente.
 Esta palavra “Amor”, que os barbas-brancas
 chamam divina, pode ter guarida
 nas pessoas que em tudo se assemelham,
 mas não em mim, que eu sou sozinho: eu próprio.
 Clarence, tem cuidado! Tu me roubas
 a luz, mas eu me incumbo de aprestar-te
 um dia de caligem. Com tal jeito
 espalharei no reino profecias,

que Eduardo há de mostrar-se receoso
 de vir a falecer. Para curá-lo
 do medo, eu para ti vou ser a morte.
 Mortos já estão o Rei Henrique e o filho.
 Clarence, a tua hora se aproxima.
 Depois, virá a dos outros. Só me agrada
 ser no reino o primeiro: ou isso, ou nada.
 Vou te mudar, Henrique, de aposento
 e rir-me de tua sorte a meu contento.

(Sai com o corpo.)

Ato V • Cena VII

O mesmo. Um quarto no palácio.

*Aparece o Rei Eduardo sentado no trono; perto dele
 se acham a Rainha Elisabete com o Príncipe Infante,
 Clarence, Gloster, Hastings e outros.*

REI EDUARDO • De novo nos sentamos no real trono
 da Inglaterra, que sangue dos imigos
 nos custou. Que de altivos adversários
 nos ceifamos, como trigo em pleno outono,
 no mais alto do orgulho! Três famosos
 Duques de Somerset, campeões três vezes
 ilustres, de alta fama nos combates;
 dois Cliffords, pai e filho, ambos notáveis;
 e dois Northumberlands. Mais valorosos
 cavaleiros jamais aos márcios toques
 os corcéis esporearam. Junto com eles,
 os dois ursos temíveis, Montague e Warwick,
 que nas suas cadeias agrilhoaram
 o rei leão, fazendo toda a selva
 encher-se de pavor, quando rugiam.
 O trono, assim, limpamos de suspeita,
 e escabelo fizemos do sossego.
 Aproxima-te, Bess, porque eu desejo
 beijar meu filho. Foi por ti, meu Ned,
 que eu e teus tios muitas noites frias
 passamos sob as armas, ou marchamos
 debaixo da canícula do estio;
 vais ter em paz, assim, tua coroa.
 Os frutos colherás do nosso esforço.

GLOSTER *(à parte)* •

Arruinarei essa colheita, quando
 deitardes a cabeça, pois no mundo
 ninguém me tem ainda em conta alguma.

Meus ombros foram feitos para carga;
 carga hão de ter, embora eu quebre os lombos.
 Se esta os meios mostrar, este o realiza.

REI EDUARDO • Clarence e Gloster, sede dedicados
 à minha esposa. Dai um beijo,
 caros irmãos, em vosso real sobrinho.

CLARENCE • A obediência que eu devo a Vossa Graça,
 selo-a nos lábios desta bela criança.

REI EDUARDO •

Digno mano, obrigado, bom Clarence.

GLOSTER • O amor que eu voto ao trono de onde vieste
 se revela no beijo devotado
 que eu dou no fruto.

(À parte) Para falar franco,
 Judas não procedeu de outra maneira,
 quando beijou seu mestre, dizendo alto
 “Viva!”, quando pensava em dizer “Morra!”

REI EDUARDO • No trono ora me assento, satisfeito,
 como ambiciava, vendo em paz o povo
 e sabendo-me amado dos irmãos.

CLARENCE • Que tenciona fazer de Margarida
 Vossa Graça? Empenhou Reignier, seu pai,
 ao Rei Luís Jerusalém e as Duas
 Sicílias, e mandou-nos mensageiros
 para tratarem logo do resgate.

REI EDUARDO • Embarcai-a depressa para a França.
 E agora, que nos resta, afora o tempo
 gastarmos em pomposos espetáculos
 e cenas aprazíveis de galhofa,
 como convém à vida de uma corte?
 Adeus, tristeza! Adeus, melancolia!
 Vai durar muito tempo esta alegria.

(Saem.)